

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
BACHARELADO EM JORNALISMO

**SÉRGIO MORO NO DISCURSO DA REVISTA VEJA:  
A construção jornalística do herói contemporâneo**

James de Mello Rodrigues

Porto Alegre, 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
BACHARELADO EM JORNALISMO

**SÉRGIO MORO NO DISCURSO DA REVISTA VEJA:  
A construção jornalística do herói contemporâneo**

James de Mello Rodrigues

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Marcia Benetti

Porto Alegre, 2017

“A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio.”

**Martin Luther King**

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, à minha mãe por ser a minha grande heroína, minha referência moral, meu exemplo de garra e perseverança. Agradeço todo apoio e amor incondicional que sempre me deu.

À minha orientadora Marcia Benetti, que contribuiu imensamente para este trabalho indicando a direção certa e reparando os desvios cometidos. Seus conhecimentos foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. Sinto-me honrado de ter realizado esta monografia com alguém tão especial e que fez parte da minha graduação em muitos momentos.

Aos meus bichinhos de estimação, Panda e Hermes, que foram meus companheiros ao longo do curso. Alegrando-me nos momentos tristes e enchendo a minha vida de felicidade.

Aos amigos, mesmo os mais distantes, pelas conversas e palavras de apoio. Em especial, à minha querida amiga Lysiane Munhoz, que me ajudou muito durante a graduação.

E, por fim, à minha namorada Caroline Borba com quem compartilhei grande parte das minhas ideias e questionamentos. E sempre me ouviu com ternura e empatia, sugerindo correções ao longo de toda a minha monografia.

## RESUMO

O presente trabalho analisa o discurso da revista *Veja* sobre o juiz Sérgio Moro, responsável pelas decisões da Operação Lava-Jato em primeira instância. Como critério de seleção do material, foram escolhidas capas em que Moro aparecia ou era mencionado, bem como suas respectivas reportagens internas. O *corpus* foi composto por 29 textos presentes em 8 edições da revista, de novembro de 2014 a maio de 2017. O objetivo geral é compreender como a revista *Veja* constrói a imagem heroica do juiz Sérgio Moro. Para isso, busquei mapear os atributos do herói associados a Moro pelo discurso jornalístico, identifiquei as características de oposição conferidas ao vilão para sustentar a imagem do herói e analisei a relação entre a liderança da Operação Lava-Jato e a ideia de salvação nacional. Estudei o jornalismo pela ótica da perspectiva construcionista, os estudos de Joseph Campbell sobre a Jornada do Herói, em especial a sua relação com os arquétipos de Carl Gustav Jung, e analisei de que forma estas teorias se cruzam na construção da imagem heroica pelo discurso jornalístico. Para isso utilizei como metodologia a Análise do Discurso de linha francesa. A análise das 117 sequências discursivas permitiu identificar três formações discursivas principais, sendo duas ligadas à representação de Sérgio Moro como herói, *O Messias* e *O Justiceiro*, e a terceira ligada aos vilões, em que o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva é descrito como *A Sombra*, o líder dos corruptos e o grande inimigo a ser combatido.

**Palavras-chave:** Comunicação; Jornalismo; Discurso; Revista *Veja*; Herói; Sérgio Moro.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Os números da Operação Lava-Jato.....	37
Tabela 2 – Capas das edições analisadas.....	58
Tabela 3 – Relação dos textos analisados.....	60

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A hierarquia do Judiciário brasileiro. ....	43
Figura 2 – Moro Salvador .....	65
Figura 3 – Moro Visionário .....	67
Figura 4 – Repercussão .....	68
Figura 5 – Povo nas ruas apoiando Moro .....	69
Figura 6 – Retrato de Moro .....	73
Figura 7 – O primeiro encontro cara-a-cara: Moro X Lula .....	77
Figura 8 – Comparsas de Lula .....	79
Figura 9 – Repercussão de Moro .....	84
Figura 10 – Semelhanças entre Superman e Moro .....	85
Figura 11 – Super Moro .....	86
Figura 12 – Herói e Vilão.....	87
Figura 13 – Lula, o grande vilão .....	87

## **LISTA DE SIGLAS**

**AD** – Análise do Discurso

**DW** – Deutsche Welle. Empresa de comunicação internacional da Alemanha.

**MPU** – Ministério Público da União

**MPF** – Ministério Público Federal

**PEC** – Proposta de Emenda Constitucional

**PF** – Polícia Federal

**PMDB** – Partido

**PP** – Partido Progressista

**PT** – Partido dos Trabalhadores

**PTdoB** – Partido Trabalhista do Brasil

**SDD** – Partido Solidariedade



# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 MITOLOGIA E JORNALISMO.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Mitologia .....</b>	<b>12</b>
2.1.1 O arquétipo do herói.....	15
2.1.2 A Jornada do Herói.....	17
<b>2.2 Jornalismo.....</b>	<b>21</b>
<b>2.2.1 Jornalismo de Revista .....</b>	<b>25</b>
2.2.2 A Revista Veja.....	29
<b>3 A OPERAÇÃO LAVA-JATO E O JUIZ SÉRGIO MORO .....</b>	<b>31</b>
<b>3.1 O desafio do herói: A operação Lava-Jato.....</b>	<b>31</b>
3.1.1 O princípio .....	31
3.1.2 As principais operações.....	34
3.1.3 Delações .....	38
3.1.4 O Papel das Instituições na Investigação .....	40
<b>3.2 Sérgio Moro .....</b>	<b>45</b>
3.2.1 Biografia .....	46
3.2.2 A Lava-Jato .....	48
3.2.2 A mídia.....	50
<b>3.3 Lula.....</b>	<b>53</b>
3.3.1 Biografia .....	53
<b>4 O HERÓI MORO .....</b>	<b>56</b>
<b>4.1 Metodologia .....</b>	<b>56</b>
<b>4.2 Análise do objeto .....</b>	<b>62</b>
4.2.1 O Messias .....	62
4.2.2 O Justiceiro.....	69
4.2.3 A Sombra .....	74
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo constrói suas percepções da realidade a partir dos acontecimentos e, quanto mais raros e autênticos eles forem, melhor. Da mesma forma, o fazer jornalístico também pode se apropriar de pessoas. Para isso, é importante que elas sejam diferenciadas. Através dessas figuras pitorescas, os jornalistas têm a possibilidade de construir personalidades marcantes por meio de estruturas mito-simbólicas que estão presentes no imaginário coletivo. Essas narrativas míticas, por serem usadas desde os primórdios para um “entendimento” do mundo à nossa volta (RODRIGUES, 1993), continuam uma ferramenta eficaz de relato. “O que se postula é algo similar ao pensamento mítico fundamentando e articulando a base do fazer jornalístico”, explica Hagen (2004, p. 34).

O pesquisador em mitologia e religião comparada Joseph Campbell foi um dos precursores da ideia de uma estrutura narrativa primordial que funcionaria como base para todas as histórias contadas ao redor do mundo. De acordo com Campbell (1995), houve uma época, antes das grandes jornadas e expansões do homem, em que histórias eram contadas para explicar o mundo e os fenômenos da natureza. Com as grandes migrações, a humanidade se dividiu, criando novas comunidades com suas próprias culturas, porém, a forma de narrar o mundo a sua volta continuou a mesma. Ao cruzarmos esse formato com as histórias contemporâneas, como Star Wars ou Harry Potter, é possível observar que ainda somos suscetíveis às mesmas estruturas que eram contadas aos nossos ancestrais nas cavernas.

Este modelo está presente nos filmes, livros e novelas mais recentes. Até mesmo nossas histórias de vida podem ser relatadas dessa forma, como o garoto que muda de cidade e precisa se adaptar em um novo ambiente, ou a jovem que larga o destino escolhido pelos pais para realizar os seus sonhos. De alguma forma, essas histórias estão presentes em nosso inconsciente. “Toda mitologia tem a ver com a sabedoria da vida, relacionada a uma cultura específica, numa época específica. Integra o indivíduo na sociedade e a sociedade no campo da natureza” (CAMPBELL, 2007, p. 58). Considerando que o jornalismo é responsável por diariamente nos narrar os acontecimentos do mundo, ambos – jornalismo e mitologia – são formas sociais e culturais de integração em sociedade.

O momento caótico da política brasileira, com constantes notícias sobre escândalos de corrupção decorrentes das investigações realizadas pela Operação Lava-Jato, suscita o discurso messiânico e a criação da figura de um herói com a missão de reorganizar o cenário e dar fim à corja de políticos corruptos. O escolhido da mídia para essa missão é o juiz Sérgio Fernando Moro, uma das principais figuras da investigação, elevado pelo jornalismo ao lugar de herói nacional.

O *objetivo geral* desta monografia é compreender a construção de sentidos nas reportagens da revista *Veja* para a formação da imagem heroica do juiz Sérgio Moro. Os *objetivos específicos* são: a) mapear os atributos do herói associados a Moro pelo discurso jornalístico; b) identificar as características conferidas ao vilão que sustentam a imagem do herói; c) compreender a relação entre a liderança da Operação Lava-Jato e a ideia de salvação nacional. Para atingir os objetivos propostos, utilizarei como metodologia a Análise de Discurso (AD) de linha francesa. Como corpus, serão analisadas capas e reportagens de oito edições da revista *Veja* sobre o juiz Sérgio Moro, veiculadas entre os anos de 2014 e 2017.

A monografia está estruturada em cinco partes. Após a introdução, o capítulo “Mitologia e Jornalismo” trará um breve contexto sobre as histórias mitológicas e sua relação com a psicologia. Em seguida, falarei sobre o jornalismo como o construtor de realidades. E, por fim, o jornalismo de revista e a revista *Veja*.

No terceiro capítulo, intitulado “Operação Lava-Jato e o Juiz Sérgio Moro”, explicarei o contexto em que nasce a figura heroica de Moro. Haverá também um relato das principais operações e delações realizadas até o encontro nos tribunais entre Lula e Moro e a descrição das funções das instituições públicas envolvidas na Operação (Ministério Público, Polícia Federal e Judiciário). Após, a biografia de Sérgio Moro – o protagonista das ações – e do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva que, de acordo com as reportagens, é considerado o grande vilão.

No quarto capítulo, apresentarei a metodologia utilizada na pesquisa, Análise do Discurso, a construção do corpus e, em seguida, a análise de oito edições da revista *Veja* que trazem o juiz Sérgio Moro como o principal agente da Operação que visa mudar o Brasil, conforme o discurso da *Veja*. No encerramento da monografia, apresentarei um breve capítulo com as considerações finais.

## 2 MITOLOGIA E JORNALISMO

### 2.1 Mitologia

“O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo —  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.”  
**Ulisses, Fernando Pessoa<sup>1</sup>**

O termo mitologia se refere ao conjunto de histórias tradicionais, ou mitos, de um determinado povo. Essas narrativas, que perpassam toda a história da humanidade, surgiram no período Paleolítico<sup>2</sup> (CONTRERA, 2015), com o desenvolvimento do cérebro humano. Através destes relatos o homem começou a formular explicações para o que até então era incompreensível. “O pensamento mítico é a maneira como o homem, mentalmente, organizava a sua vida e o que estava descobrindo, tornando-se consciente sobre o mundo, suas percepções internas e motivações externas” (CONTRERA, 2015).

A mitologia floresceu nas mais diferentes épocas e sociedades, ampliou a consciência humana e serviu de base para diversas manifestações culturais, como as religiões, filosofias, artes e descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia. Campbell explica esse fenômeno de duas formas:

A primeira é que a psique humana é essencialmente a mesma no mundo inteiro. É o aspecto interior do corpo humano que é, essencialmente, o mesmo no mundo inteiro. Com os mesmos órgãos, instintos, impulsos, conflitos e temores. Há também a teoria contrária, a da difusão. Quando nasceu a agricultura no Oriente Médio ou no Sudeste da Ásia, os dois

<sup>1</sup> PESSOA, Fernando. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934 (Lisboa: Ática, 10ª ed. 1972).

<sup>2</sup> Período da Pré-história que inicia com os primeiros homínídeos (*Australopithecus*, *Homo habilis* e *homo erectus*) há cerca de 2,5 milhões de anos e se encerra com o surgimento da agricultura, na chamada Revolução Neolítica, em 10.000 a.C.

grandes centros da Antiguidade, a arte de cultivar o solo se difundiu a partir dessa região. Então, espalhou-se uma mitologia relacionada com a fertilização da terra e o crescimento das plantas. (CAMPBELL, 1988, ep. 4)

A mitologia é influenciada pelo contexto local e temporal em que é concebida. As narrativas surgidas durante o Paleolítico eram voltadas à caça: os caçadores presenteavam os deuses com oferendas e rituais para que os animais mortos ressuscitassem e, assim, houvesse comida em abundância. Mais tarde, quando a agricultura surgiu, as histórias tratavam de questões sobre a morte e a ressurreição. “Matar o corpo, cortá-lo, enterrá-lo e ver nascer uma planta. Esse mito se difunde junto com a tradição agrícola, você não vai encontrá-lo numa cultura de caça. Há aspectos históricos e psicológicos nessa questão” (CAMPBELL, 1988, ep. 4).

Sendo assim, a mitologia assumiu um caráter fundamental para a sociedade. Ela servia como um construtor de realidades, que não apenas explicava como o mundo funcionava, mas ditava normas e regras que influenciavam como as pessoas agiam e, por consequência, a sociedade.

O mito é uma narrativa verdadeira porque as sociedades que nela acreditavam, não questionavam, em momento algum, a completa veracidade do mito. Para essas comunidades, o mito além de ser uma história verdadeira, é também uma história sagrada, de caráter exemplar e plena de significados. Que ensinam como as coisas são e como vieram a ser o que são. (RAMOS, 2011)

Ao desvendar o inexplicável, os mitos serviam como pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, trazendo lições importantes e difíceis de explicar através da racionalidade. A famosa história de Édipo<sup>3</sup> é um exemplo. Nela, após consultar-se com o Oráculo de Delfos, o rei de Tebas, Laio, recebeu a notícia de que seria assassinado por seu filho, Édipo, que acabara de nascer. O rei, então, pediu a um empregado que abandonasse o bebê à morte. Entretanto, ele é encontrado por um casal que o adota. Muitos anos depois, Édipo vai se consultar com o mesmo Oráculo e, durante sua jornada, encontra seu pai biológico, com quem entra numa discussão e a quem acaba matando, sem saber quem ele realmente era. Ao retornar a sua jornada, encontra Esfinge, monstro que devastava a região. Édipo mata o monstro e, por conta disso, é nomeado o rei de Tebas e se casa com sua mãe biológica, Jocasta. Após descobrir que matou seu pai e o substituiu, Édipo arranca os próprios olhos, e sua mãe comete suicídio.

---

<sup>3</sup> A lenda de Édipo foi contada pelo dramaturgo grego Sófocles, em “Édipo Rei”, no século V a.C.

Através dessa narrativa, é possível simbolizar alguns conflitos da alma humana, como a necessidade de superar os pais e o choque entre as gerações, que mais tarde, seria usada por Freud para explicar as relações entre pais e filhos, especialmente o papel amoroso que a mãe ocupa para o filho, dando origem ao conceito do Complexo de Édipo. Ademais, encontramos nela uma das principais funções da mitologia: validar e respaldar uma ordem moral específica. A mitologia fornece um modelo às pessoas de como agir, apresenta situações que eventualmente acontecerão em suas vidas e sugere soluções (CAMPBELL, 2007).

Apesar de referir-se a um momento anterior, o mito possui um significado atemporal. “O valor intrínseco atribuído ao mito provém do fato de os eventos que se supõe ocorrer num momento do tempo também formarem uma estrutura permanente, que se refere simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 224). A importância da narrativa na construção do significado vai além da língua, tradição ou região em que é formulada. Dessa forma, além de atemporal o mito é uma narrativa universal.

O valor do mito, ao contrário, permanece, por pior que seja a tradução. Por mais que ignoremos a língua e a cultura da população em que foi colhido, um mito é percebido como mito por qualquer leitor, no mundo todo. A substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na história que nele é contada. O mito é uma linguagem, mas uma linguagem que trabalha num nível muito elevado, no qual o sentido consegue, por assim dizer, descolar do fundamento linguístico no qual inicialmente rodou. (Lévi-Strauss, 2008, p. 225)

Dessa forma, os mitos são responsáveis por conectar nossas experiências do plano exterior ao local onde habitam nossos anseios e medos mais profundos. Essa função de ligação com o mundo interior é uma característica da mitologia dificilmente substituída. Para Campbell (2007), assim que o interlocutor é apanhado pelos problemas interiores aos quais essas narrativas se referem, há um senso de informação tão rico e profundo que é impossível abrir mão dele. Ao reconhecermos essa ligação, deixamos de ser o centro e alcançamos um significado maior, mudando a nossa relação com a natureza e todas as coisas.

### 2.1.1 O arquétipo do herói

Joseph Campbell fundamentou seus estudos na psicanálise porque considerava ser a melhor ferramenta para analisar uma narrativa. A estrutura desenvolvida pelo mitólogo é sustentada em dois conceitos de Carl Jung: o inconsciente coletivo e o arquétipo.

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este, porém, repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos *inconsciente coletivo*. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são "cum grano salis" os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo (JUNG, 2003, p. 15).

Já a palavra arquétipo representa a personificação de conceitos, princípios ou leis, presentes no inconsciente coletivo, surgidos ao longo da existência humana e de suas experiências. Jung lembra que o arquétipo não é um conteúdo, e sim uma forma pronta a ser preenchida ou simbolizada. O arquétipo é uma imagem primordial, que é atualizada mantendo seu núcleo essencial.

Sempre deparo de novo com o mal-entendido de que os arquétipos são determinados quanto ao seu conteúdo, ou melhor, são uma espécie de "ideias" inconscientes. Por isso, devemos ressaltar mais uma vez que os arquétipos são determinados apenas quanto à forma e não quanto ao conteúdo, e no primeiro caso, de um modo muito limitado. Uma imagem primordial só pode ser determinada quanto ao seu conteúdo no caso de tornar-se consciente e, portanto, preenchida com o material da experiência consciente (JUNG, 2003, p. 91)

Não podemos entender completamente o que é o inconsciente coletivo, mas podemos compreendê-lo através dos arquétipos – entre os mais comuns, Jung cita os dois irmãos inimigos, a mãe, a madrasta, a criança e o herói.

Não podemos ver o inconsciente coletivo. Podemos apenas inferir sua existência, a partir de várias imagens e símbolos que, independentemente de raça ou cultura, surgem de modo recorrente nos mitos, nos contos de fadas, nos sonhos e no folclore de todas as épocas e lugares (GRINBERG, 2003, p. 135).

Os mitos são uma materialização dos arquétipos humanos transformados em uma narrativa que prende e ensina algo relevante ao seu interlocutor. Contudo, estes símbolos não podem ser fabricados, são produções espontâneas da psique presentes no mundo inteiro: "O mundo dos arquétipos é o mundo invisível dos

espíritos, deuses, demônios, vampiros, duendes, heróis, assassinos e todos os personagens das épocas passadas da humanidade sobre os quais foi depositada forte carga de afetividade” (GRINBERG, 2003, p. 134).

Apesar de naturalmente serem influenciados pelo contexto cultural de cada civilização, estes símbolos são inerentes ao próprio ser humano. E possuem a capacidade de influenciar as nossas atitudes e a forma como vemos o mundo.

Todos nós possuímos uma predisposição arquetípica para desempenhar papéis (mãe, pai, filho, filha, irmão, irmã, amigo, amiga, professor, aluno, etc.). Impulsionados pelos arquétipos, fazemos escolhas, criamos, enfrentamos heroica ou covardemente as mais diversas situações. Com loucura ou sabedoria respondemos às várias solicitações da vida. (GRINBERG, 2003, p. 137).

O principal arquétipo da teoria de Campbell é justamente o herói. De acordo com Vogler (2006), é o exemplo do altruísmo, alguém disposto a sacrificar-se em torno de uma causa ou uma pessoa. No entanto, ele simboliza algo muito maior. “Os heróis são símbolos da alma em transformação e da jornada que cada pessoa percorre na vida. Os estágios dessa progressão, os estágios naturais da vida e do crescimento, formam a Jornada do Herói” (VOGLER, 2006, p. 61). A partir dessa concepção, podemos concluir que somos os heróis de nossas próprias jornadas, os protagonistas de nossas vidas, crescendo e avançando sobre as dificuldades.

O conceito de herói é o que os filósofos chamam de conceito normativo. Ele não apenas caracteriza o herói, mas nos permite vislumbrar como deveria ser. Tem um certo poder sobre nós. Apresenta-nos algo a aspirar na vida. Os super-heróis proporcionam grandiosas imagens fictícias vívidas e grandiosas, e são ao mesmo tempo inspiradores e motivadores. [...] Platão acreditava que o bem é atraente por natureza. Se não formos impedidos de vê-lo e apreciá-lo como ele é, o bem nos atrairá à sua direção. Ele nos motivará e guiará nossos passos (LOEB; MORRIS, 2009, p. 27).

Campbell (1988) dividia as proezas do herói em dois tipos: as ações físicas, relacionadas a atos de heroísmo, como salvar uma vida ou sacrificar-se por uma pessoa; e as ações espirituais, ou seja, aprender ou experimentar um nível superior da vida espiritual humana, depois voltar e comunicar as demais pessoas sobre o feito – algo como Buda e Jesus Cristo realizaram. Diante desses exemplos, é possível notar a importância deste arquétipo, não apenas para a condução de uma narrativa, mas como o exemplo a ser seguido. Como sugere o filósofo Sêneca (apud<sup>4</sup> Costa, B., 2013, p. 59): “[...] escolha para si um herói moral cuja conversa e

---

<sup>4</sup> COSTA, Bruno Barbosa. **Da toga do juiz para a capa do herói**: a construção da imagem pública do Ministro Joaquim Barbosa a partir do julgamento do mensalão. 2013. 230 f. Dissertação (Mestrado) -



rosto expressivo lhe agradem; então, imagine-o o tempo todo como seu protetor, seu padrão ético. Todos nós precisamos de alguém cujo exemplo possa nortear nosso caráter.”.

Por ser a contraposição ao herói, mostrando o caminho que não deve ser seguido, o arquétipo conhecido como sombra também possui um papel fundamental para a Jornada do Herói. “As Sombras podem ser todas as coisas de que não gostamos em nós mesmos, todos os segredos obscuros que não queremos admitir, nem para nós mesmos. As características a que renunciamos, ou que tentamos arrancar” (VOGLER, 2006, p. 83 [ebook]). Dessa forma, o arquétipo da sombra é o mais próximo do nosso ego<sup>5</sup>, visto que ele concentra muitas coisas que foram conscientemente evitadas por conta de nossos valores morais e éticos. Em muitos casos, o personagem que caracteriza a sombra passou pelos mesmos caminhos do herói, contudo, sua jornada de triunfo foi interrompida por algum motivo sombrio, como uma desilusão ou perda.

O arquétipo da sombra é personificado na figura dos vilões, inimigos ou anti-heróis. Suas ações movem a história porque são responsáveis por tirar o herói de sua zona de conforto. Um grande herói se forma a partir de seu vilão, ou seja, um personagem se torna forte e reconhecido a partir do obstáculo que ele enfrenta. A representação mais famosa desses dois arquétipos é a relação entre Deus e o Diabo. Ao observar os ícones da cultura *pop*, como Batman e Coringa, Harry Potter e Voldemort, Luke e Darth Vader, essa relação arquetípica se confirma.

### **2.1.2 A Jornada do Herói**

Ao estudar a mitologia de inúmeros povos, de diversas regiões, Joseph Campbell identificou uma estrutura narrativa comum. Diante dessa observação, o professor desenvolveu um estudo que nomeou como Monomito, também chamado de Jornada do Herói. No livro “O Herói de Mil Faces”, Campbell reuniu histórias de diversos lugares e estruturou a sua pesquisa. Como o título do livro sugere, o escritor percebeu que todas as narrativas falavam basicamente de um mesmo personagem principal, com algumas variações e adaptações para o contexto de

cada povo. “Seja o herói ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio ou judeu, sua jornada sofre poucas variações no plano essencial” (CAMPBELL, 1995, p. 42).

Anos depois, Vogler atualizou o mesmo conceito e difundiu o Monomito ao escrever e corrigir roteiros de filmes norte-americanos. “Todas as histórias consistem em alguns elementos estruturais comuns, encontrados universalmente em mitos, contos de fadas, sonhos e filmes” (VOGLER, 2006, p. 26). A Jornada do Herói consiste nessa estrutura presente em todas as histórias.

[...] seus conceitos [de Campbell] são como uma excelente caixa de ferramentas, cheia de instrumentos jeitosos, ideais para a carpintaria da narrativa. Com essas ferramentas, é possível construir uma história para quase qualquer situação imaginável, uma história que, ao mesmo tempo, seja dramática, divertida e psicologicamente verdadeira. (VOGLER, 2006, p. 32)

Segundo Campbell (1995, p. 36), “o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno – que pode ser considerada a unidade nuclear do Monomito”. A separação é o momento em que o personagem principal abandona o seu mundo para um lugar que desconhece. Já a iniciação é onde a história se desenvolve, e o retorno é a volta ao local inicial, portando os objetos/poderes e conhecimentos adquiridos durante a jornada.

[...] quer se apresente nos termos das vastas imagens, quase abismais, do Oriente, nas vigorosas narrativas dos gregos ou nas lendas majestosas da Bíblia, a aventura do herói costuma seguir o padrão da unidade nuclear (...): um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida (CAMPBELL, 2007, p. 40).

Isto pode ser explicado devido à semelhança entre as etapas da Jornada do Herói e os rituais de puberdade masculina das tribos primitivas. Nelas, o jovem era retirado de sua infância – em alguns casos forçadamente –, depois passava por um rito de iniciação (momento em que devia deixar sua infância para trás) e retornava à tribo, transformado em adulto. “As iniciações integravam o adolescente ao universo dos homens porque permitiam ao jovem absorver diretamente na fonte mítica as forças necessárias para sua transformação. O mito era parte integrante e formadora da realidade” (MARTINEZ, 2008, p. 34). Nas tribos caçadoras havia rituais de iniciação que exigiam muito da criança, visto que ela teria que deixar a segurança do lar para explorar locais perigosos em sua busca por comida.

Nas sociedades primitivas, dentes são arrancados, dolorosas escarificações são feitas, há circuncisões, toda sorte de coisas acontece, para que você abdique para sempre do seu corpinho infantil e passe a ser algo inteiramente diferente (CAMPBELL, 2007, p. 8).

As meninas, geralmente, não passavam por estes rituais porque a natureza se encarregava dessa missão. Após a menarca, ela se retirava a um local reservado a fim de refletir sobre a sua nova condição e depois retornava à comunidade.

Podemos encontrar essas mesmas estruturas narrativas em histórias contemporâneas. No filme *Star Wars* (1977), por exemplo, somos apresentados ao personagem Luke, em seu planeta natal, Tatooine. Apesar de sonhar em viajar pelo espaço, ele relutava em deixar seus pais adotivos. Mas, no momento em que seus familiares são mortos, um lado de sua infância é perdido. Luke deixa seu lugar de conforto e viaja pelo universo para combater o império ditatorial, responsável por matar aqueles que ele amava. No final do filme, o personagem perde definitivamente seu lado infantil, quando recebe a informação da morte de seu amigo. Ao destruir a nave *Estrela da Morte*, Luke retorna como um herói transformado.

Contudo, este formato não é restrito às aventuras, ele pode ser traduzido para qualquer tipo de história, como os dramas contemporâneos, comédias ou romances, pois, como conclui Vogler (2006), o protagonista de toda história é o herói de uma jornada, e as histórias retratam a evolução interior desse personagem.

É possível notar a grande interferência cultural que a mitologia realizou em nossos antepassados. Contudo, é importante compreendermos que ainda hoje essas figuras simbólicas agem sobre o nosso inconsciente, influenciando nossas atitudes e o nosso caráter. “A cultura se molda pela lei da acumulatividade. Aquele homem do Paleolítico ainda está vivíssimo em todos nós. São como camadas de uma cebola. [...] O passado nos constitui” (CONTRERA, 2015). Ou, como explica Campbell (2007, p. 39):

Você tem o mesmo corpo, com os mesmos órgãos e energias que o homem de Cro Magnon tinha trinta mil anos atrás. Viver uma vida humana na cidade de Nova Iorque ou nas cavernas é passar pelos mesmos estágios da infância à maturidade sexual, pela transformação da dependência da infância em responsabilidade, própria do homem ou da mulher, o casamento, depois a decadência física, a perda gradual das capacidades e a morte. Você tem o mesmo corpo, as mesmas experiências corporais, e com isso reage às mesmas imagens.

Entretanto, ao tentar racionalizar os mitos, sua essência foi desacreditada. Devido a seu caráter extraordinário, ou fantasioso, muitas vezes é difícil enxergar o

seu caráter metafórico e interior, parecendo mais simples interpretar essas narrativas de modo literal. Mas, como destaca Contrera (2015), os mitos:

[...] não devem ser interpretados como algo literal, algo factual. Não importa, frente ao mito, a factualidade dele, como importa no texto jornalístico. O que importa é a capacidade metafórica de revelar as dimensões da alma humana porque foi para representar essas dimensões da alma humana que ele foi criado milhares de anos atrás.

Durante muito tempo as estruturas narrativas mitológicas foram negligenciadas. Entretanto, após os estudos de Campbell muitos pesquisadores utilizaram o Monomito em diferentes formatos, como Vogler e o cinema, Maureen Murdock e a Jornada da Heroína. Com o objetivo de incorporar os conceitos desenvolvidos por Campbell às práticas jornalísticas para contar histórias de vida, o professor Edvaldo Pereira Lima fez uma adaptação da Jornada do Herói com a atualização de Vogler. Assim, as reportagens poderiam ganhar uma maior autonomia e particularidade, dando mais ênfase aos contextos sociais e históricos, além de evidenciar as trajetórias dos personagens (MARTINEZ, 2008).

Com base nesse estudo, Martinez (2008), em sua tese de doutorado, define uma estrutura para reportagens biográficas, contendo doze etapas:

1. **Cotidiano:** somos apresentados ao universo em que vive o protagonista.
2. **Chamado à Aventura:** acontece algo que rompe com o cotidiano do herói.
3. **Recusa do Chamado:** há um receio de ingressar na aventura.
4. **Travessia do Primeiro Limiar:** o herói aproxima-se do limite entre o mundo conhecido e o desconhecido. Geralmente, é advertido por pessoas, ou guardiões, sobre o risco que está a seguir.
5. **Testes, aliados, inimigos:** desafios enfrentados pelo herói em sua jornada.
6. **Caverna Profunda:** o herói está em um momento crítico, onde ocorre um intenso processo de internalização.
7. **Provação Suprema:** o herói enfrenta os seus maiores medos e desafios.
8. **Encontro com a Deusa:** o protagonista assimila os atributos do sexo oposto e entra em contato com os padrões arquetípicos do masculino e do feminino.
9. **Recompensa:** o objetivo é alcançado. O protagonista tem maior consciência e o equilíbrio da sua realidade externa e interna.
10. **Caminho de Volta:** o herói transmite o conhecimento adquirido à comunidade.
11. **Ressurreição:** acontece o último e mais perigoso enfrentamento com a morte.
12. **Retorno com o Elixir:** ao final, o retorno ao mundo cotidiano.

As histórias não terão, necessariamente, todas as etapas ou estas nem sempre serão claramente identificadas. Porém, não é difícil encontrar algumas dessas características presentes em outros tipos de reportagens e, até mesmo, nas

notícias. Apesar de sua importância para a compreensão da realidade, com o desenvolvimento da racionalidade e a inclusão do pensamento científico, a mitologia foi perdendo o seu espaço como narrativa explicativa do mundo. E o ser humano precisou encontrar outras formas de compreender a realidade.

Rodrigues (1993) lembra que, nas sociedades antigas, eram os mitos que ajudavam a construir os quadros de referência segundo os quais os sujeitos iriam interpretar o mundo, embora soubessem que eram narrativas fabulosas. “[Os mitos] Eram quadros conceituais, visões do mundo que ofereciam explicações pertinentes para os acontecimentos com que a coletividade se confronta ao longo do tempo” (RODRIGUES, 1993, p. 33). A evolução do pensamento moderno retira dos mitos esse estatuto.

A época moderna fez do pensamento mítico o dispositivo do obscurantismo e da dominação, considerou-o como a cegueira da razão iluminada, como o entrave ao conhecimento positivo da ciência. Ficou assim o homem moderno despojado dos quadros explicativos que organizavam o desenrolar dos acontecimentos do mundo e lhe asseguravam coerência. É neste contexto que o discurso dos *media* surge para organizar a experiência do aleatório e lhe conferir racionalidade. Fã-lo de maneira espetacular, refletindo e integrando num todo os fragmentos dispersos com que é tecida a trama do presente (RODRIGUES, 1993, p. 33, grifo do autor).

É esse lugar que o jornalismo contemporâneo assume, para explicar “a trama do presente” e ajudar o homem a compreender sua realidade e viver sua época.

## 2.2 Jornalismo

A partir de seu surgimento como discurso periódico, no século XVII, o jornalismo tornou-se um dos grandes responsáveis por dar sentido ao mundo. Já que não temos como entender sobre todos os assuntos e, muito menos, estar em todos os lugares ao mesmo tempo, necessitamos que um profissional relate os acontecimentos e ajude a construir percepções sobre a realidade.

Como classifica Stuart Hall, as notícias servem como “mapas culturais do mundo social”. Através da narrativa e do uso de estereótipos, tornam compreensíveis os acontecimentos, mesmo os mais surpreendentes.

Um acontecimento só “faz sentido” se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. Se os jornalistas não dispusessem – mesmo de forma rotineira – de tais “mapas” culturais do mundo social, não poderiam “dar sentido” aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é “noticiável”. As coisas são noticiáveis porque elas representam a

volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo. Mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo da “desordem” – devem ser trazidos aos horizontes do “significativo”. Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os “mapas de significado” que já constituem a base de nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social *já* está “traçado” (HALL et al, 1993, p. 226, grifo do autor).

O jornalismo, ao geralmente se basear em estereótipos para a construção das notícias e especialmente ao destacar o insólito implicitamente, acaba indicando o que seria “normal”. Assim como a mitologia, serve como um forte normatizador da sociedade. Através das notícias, ele descreve o que é o correto e o errado, como o herói e o vilão de qualquer história. De acordo com Motta (2008) as narrativas – como mitos, fábulas e, até mesmo, as jornalísticas – são formas de exercício de poder e, através delas, podemos compreender valores subjetivos e ideologias. Porém, para que essa atribuição de poder concedida aos meios de comunicação se concretize, é necessário que os jornalistas e o público possuam basicamente os mesmos valores, que permitem atribuir aos eventos os mesmos significados. “[...] as notícias têm uma estrutura profunda de valores que os jornalistas compartilham, como membros da sociedade, com a sociedade” (TRAQUINA, 2004, p. 29).

Portanto, os meios de comunicação são importantes para o desenvolvimento de conceitos básicos de uma comunidade, como uma linguagem e conhecimentos comuns. “O jornalismo ajuda ainda a identificar os objetivos, os heróis e os vilões de uma comunidade” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001, p. 16).

Como observa Montipó (2014, p. 3), “a produção jornalística resulta, então, de um processo de construção em que estão em jogo fatores de natureza pessoal, ideológica, cultural, histórica e tecnológica que são difundidos pelos meios noticiosos”. Além disso, os interesses dos veículos e a definição das linhas editoriais têm um peso imensurável na produção noticiosa.

Embora geralmente esteja ciente desses interesses e da linha editorial, o público deposita uma confiança muito grande no jornalismo, permitindo a atribuição de maior ou menor credibilidade a empresas, instituições e pessoas. Giddens denominou *sistemas peritos* os “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que

vivemos hoje” (GIDDENS apud<sup>6</sup> MIGUEL, 1999, p. 198). Podemos não entender perfeitamente como funcionam equipamentos, como celular, computador ou micro-ondas; ou instituições, como o governo federal, o Judiciário ou o Ministério Público. No entanto, somos levados a acreditar no bom funcionamento dessas instituições, do mesmo modo que somos levados a confiar que um piloto sabe comandar o avião em que estamos viajando. O mesmo ocorre com o jornalismo. Embora o público não saiba exatamente como é produzido, nem tenha acesso a seus processos e a seus bastidores, acaba confiando que o jornalismo irá cumprir com suas finalidades, especialmente narrar “fielmente” os acontecimentos e selecionar os eventos mais importantes. É assim que o jornalismo se torna, segundo Miguel (1999), um sistema perito. Essa qualificação do jornalismo se dá a partir de um contrato de comunicação<sup>7</sup> (CHARAUDEAU, 2006), que regula as exigências e as expectativas dos sujeitos envolvidos – veículos, jornalistas, fontes e leitores. Além disso, como é por meio do jornalismo que o cidadão comum conhece o funcionamento dos demais sistemas, pode-se entender o jornalismo como um meta-sistema perito, que torna os demais sistemas visíveis e permite algum controle externo sobre eles.

O jornalista não é um simples mediador. Ele possui um papel fundamental na forma como o público recebe uma informação, afinal, ele é o responsável pela seleção dos acontecimentos, escolha das fontes e a produção das notícias. Assim, “as notícias não espelham a sociedade. Ajudam a constituí-la como um fenômeno social partilhado, dado que, no processo de descrição de um acontecimento, as notícias definem e moldam este acontecimento” (TUCHMAN apud<sup>8</sup> Rizzotto; Fontes; Ferracioli, 2016, p. 13).

Conforme explica a teoria construcionista, as notícias são fundamentais para a nossa construção da realidade e são “[...] o resultado de processos complexos de interação social entre os agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da *comunidade profissional*, dentro e fora

---

<sup>6</sup> GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

<sup>7</sup> Charaudeau (2006) afirma que o contrato de comunicação se institui a partir de cinco elementos: quem diz e para quem; para quem diz; o que diz; em que condições diz; como diz. É preciso que os sujeitos envolvidos na comunicação compreendam as permissões e restrições daquele tipo de discurso para que ele possa ser identificado e compreendido.

<sup>8</sup> TUCHMAN, G. 2002. **As notícias como uma realidade construída**. In: J.P. ESTEVES (org.), *Comunicação e Sociedade: Os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa*. Lisboa, Livros Horizonte, p. 91-104.

da sua organização” (TRAQUINA, 2005, p. 173, grifo do autor). Dessa forma, a atividade jornalística influencia e é influenciada pelo público, incitando, mas também, adequando-se aos seus interesses (FRANCISCATO, 2005). Até mesmo porque os jornalistas também fazem parte da sociedade que influenciam, sendo assim, também são influenciados e, ao produzirem as notícias reforçam conceitos em um eterno ciclo.

Por fim, outro ponto importante na construção da realidade através das notícias é a noção de enquadramento. Por conta da grande complexidade dos acontecimentos, eles podem ser divulgados de infinitas formas, o que exige que o profissional escolha um enquadramento para descrevê-los. “Assim como o fotógrafo escolhe uma parte menor de um plano geral para enquadrar, de forma a passar uma mensagem, o jornalista também seleciona um aspecto percebido da realidade e o enfatiza de tal maneira a torná-lo mais saliente” (RIZZOTTO; FONTES; FERRACIOLI, 2016, p. 14). Portanto, podemos observar as intenções políticas ou comerciais de cada veículo através do enquadramento que ele dá a determinadas notícias. Embora vários canais, ou jornais, possam apresentar o mesmo acontecimento, cada um o descreverá de uma maneira.

Enquadramentos de jogo, estratégico e episódico podem assumir a forma de uma variação conhecida como enquadramento de conflito. Nesse caso, a ênfase das matérias recai sobre o potencial de disputa em tese envolvido nos movimentos dos políticos. Os significados mais gerais de suas ações, referentes à administração mesma de políticas públicas, com antecedentes, critérios, resultados etc. são negligenciados. Enquanto isso, o enfoque jornalístico se dá sobre as consequências dos supostos choques entre opções diferentes para a dinâmica do poder dentro dos partidos, do parlamento e para a ascensão ou declínio do próprio político, aliados e adversários. (ROTHBERG apud<sup>9</sup> CIOCCARI, 2015, p. 77)

A publicação e repetição de um assunto, somadas ao enquadramento escolhido, influencia a forma como o público entenderá uma notícia. Sendo assim, mesmo que o jornalismo não construa a realidade sozinha e o leitor não esteja alheio a tudo que recebe, é inegável que esses fatores corroboram de forma considerável para a interpretação que a população terá da realidade.

---

<sup>9</sup> ROTHBERG, Danilo. Enquadramento e metodologia da crítica da mídia. SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. V Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, Universidade Federal de Sergipe - 15 a 17 de novembro de 2007.



### 2.2.1 Jornalismo de Revista

O jornalismo no Brasil iniciou com a chegada da corte portuguesa às terras brasileiras. Entre as várias mudanças ocasionadas por D. João VI, a autorização para impressão no território nacional permitiu a instalação da Impressão Régia, primeira editora brasileira. Assim, em 1808, foram lançados *A Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal impresso no Brasil, e *O Correio Braziliense*, impresso em Londres pelo jornalista Hipólito José da Costa. Pouco tempo depois surgem outros formatos impressos, como descreve Moura (2010, p.1-2):

Posteriormente, começaram a surgir as revistas e os almanaques, com publicações mais elaboradas, com periodicidade mais longa e voltadas para temas específicos, pelo menos, em seu primeiro momento. Nas revistas o mais comum eram as literárias, entre os almanaques os assuntos eram variados, incluíam desde geografia, história, literatura, artes e, como não poderia deixar de ser, política.

De acordo com Moura, em 1812, o jornal baiano *Idade d'Ouro do Brasil* lança a primeira revista, intitulada *As Variedades ou Ensaios de Literatura*. Isto serve como um incentivo para o surgimento de revistas e almanaques em várias partes do país. “Muitos de caráter, eminentemente, literário, contudo, tinham em comum o formato conservador e o uso mínimo de ilustrações” (MOURA, 2010, p. 3). A evolução do formato de revista, no entanto, favoreceu a inclusão de fotografias e ilustrações mais elaboradas, como as charges nas edições da *Revista Ilustrada*.

Em 1928, a revista *O Cruzeiro* marcaria uma nova era das revistas brasileiras. “Com uma programação visual arrojada, privilegiando a fotografia e reportagens mais objetivas, O Cruzeiro logo dominou o mercado editorial tornando-se referência gráfica, literária e jornalística de um enorme pedaço da história do Brasil” (MOURA, 2010, p. 9). O autor ainda destaca a importância desta revista no cotidiano da população, pois interferia nos hábitos e costumes da sociedade. E, assim, outras revistas seguiram o exemplo deste periódico e passaram a escrever reportagens, criando uma linguagem própria, diferente de outros periódicos impressos, como os jornais.

Em sua origem, as *magazines* traziam laços estreitos com a literatura, característica que as acompanhou até o início do século XX (TAVARES; BERGER, 2009<sup>10</sup>). Aos poucos, a constituição de um mercado editorial e a força da indústria cultural expandiram as diferenças em relação a outros

---

<sup>10</sup> TAVARES, Frederico; BERGER, Christa. Revista: verbete. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

periódicos impressos e impulsionaram o afinamento das peculiaridades de linguagem e de circulação. (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p. 29)

Em relação aos jornais, as revistas, mesmo as semanais, possuem um tempo maior para elaboração da pauta e aprofundamento dos temas. Essa característica permite à revista uma capacidade maior de planejar como irá, discursivamente, abordar o tema: a concepção da capa, linguagem utilizada, o enquadramento, a escolha das fontes, etc.

Os conteúdos, por mais ligados que estejam a fatos ocorridos em datas próximas à publicação, como no caso das *newsmagazines* semanais, discursivamente trazem laços com questões próprias daquela revista, conformações esperadas para aquele título e para cada editoria ou seção. (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p. 35)

É importante levar em consideração o custo das revistas, se comparado aos dos jornais, em relação a um material de melhor qualidade e acabamento. E também uma maior durabilidade e a capacidade de ser guardada, colecionada e recortada. Isto permite que o leitor assíduo da revista construa novos efeitos de sentido a partir do resgate do conteúdo de outros exemplares. Somado a isso, como destaca Benetti (2013), o retorno a temas considerados importantes pela revista, como o cenário político atual, por exemplo, corrobora para a formação da identidade editorial e a fidelização do leitor.

[...] ao tomar nas mãos um exemplar, o leitor não tem apenas aquela edição diante de si, mas tem as referências de um passado, no qual se inserem os números anteriores; e um futuro, uma sobrevida própria da permanência da revista como documento, além da sequência de números posteriores a serem publicados (TAVARES; SCHWAAB, 2013, p. 35).

As características físicas da revista – a tipografia, a distribuição dos elementos gráficos, o uso da cor, o estilo das imagens, o *layout* e a sequência de leitura – possuem papel fundamental para a manutenção do contrato de comunicação, permitindo ao jornalismo construir percepções da realidade. Através dessas propriedades, a revista cria um vínculo emocional com o leitor, gerando a sensação de necessidade de estar em contato com ela, como parte da sua rotina e de um consumo que pode ser ritualizado.

Pode-se afirmar que o jornalismo de revista explora uma ontologia das emoções pela ativação: do prazer sensorial de folhear uma coleção de páginas agrupadas, coloridas e com papel de textura agradável; da fruição estética de imagens belas, dramáticas, chocantes, intensas, hiper-reais; dos relatos que provocam emoções universais, como medo, desejo, curiosidade, estupefação, alegria, melancolia, inveja, desassossego, solidão; do movimento entre o mundo concretamente vivido e o mundo apenas imaginado das histórias de outras pessoas, em outros lugares. É assim,

também, que o jornalismo cumpre a função hermenêutica de dar sentido ao mundo, ajudando o homem a compreender a si mesmo e aos outros (BENETTI, 2013, p. 55).

O uso de imagens, tanto nas capas quanto nas fotografias das reportagens, é importante para a criação desse vínculo emocional possibilitado pelo recurso da sinestesia. A capa possui uma importância especial, visto que é o primeiro contato do público com a edição. Através dela o leitor decidirá se a revista é relevante para sua vida.

Vitrine de qualquer publicação, a capa de revista tem como principal objetivo seduzir o leitor à primeira vista. Aproveita-se de qualquer vislumbre, logo na primeira mirada, para encantá-lo, como se propusesse um flerte, deixando-o enamorado, e o convencesse a levar a revista para casa. Cada capa é como um rosto, exposto em meio a centenas de outros rostos – não só de revistas, mas também de jornais, almanaques, apostilas para concursos, livros e afins –, que busca a todo o momento fisgar os olhos daqueles que passam pelas bancas de revistas (VAZ; TRINDADE, 2013, p. 224-225).

As capas de revista também permitem realizar montagens, algo que os jornais normalmente não fazem. Essas montagens cheias de significados e símbolos constituem um elemento cultural, que possui a intenção de direcionar as interpretações e opiniões dos leitores. Como muitas vezes as capas são destacadas nas bancas, expostas em banners e nos outdoors pela cidade, influenciam a opinião das pessoas, transformam-se em assunto nas rodas de conversas, mesmo por quem não leu o conteúdo das suas edições.

As fotografias também são responsáveis pela construção de sentido. Para Ramos (2013), a imagem fotográfica e a revista constituem um par perfeito e inseparável que possui uma função mais que informativa, procurando aprofundar ou analisar um fato.

Desde seu advento e, principalmente, após sua completa adoção pelas revistas ilustradas a partir da década de 1920, as imagens passaram a ser vistas como fundamentais para legitimar o que está sendo narrado por palavras. Essa herança positiva, na qual a imagem técnica era tida como cópia do real, ainda sobrevive na imprensa atual, mesmo sofrendo abalos (RAMOS, 2013, p. 241).

As revistas semanais, como a *Veja*, utilizam três tipos fundamentais de fotografias, classificadas por Ramos (2013) como: retrato, ilustração fotográfica ou fotomontagem e flagrante. O **retrato** tem como finalidade identificar os personagens das notícias, buscando não apenas a faceta física, mas evidenciando traços de sua personalidade. “Podem distinguir-se dois tipos: os *bonecos*, que exibem apenas o

rosto e parte do tronco de uma pessoa; e *os ambientais*, em que o local também é enquadrado e revela determinado aspecto da personalidade do retratado” (RAMOS, 2013, p. 242). A partir de imagens sobrepostas, a **fotomontagem** é um recurso utilizado para construir sentidos específicos, geralmente aplicado em temas mais “leves” mas bastante frequente nas pautas políticas de *Veja*. Ramos (2013) também descreve um tipo de fotografia, denominado **flagrante**, utilizada para imagens não autorizadas de pessoas famosas ou com relevância social. Esse não é um formato novo, mas, com a grande comercialização dos celulares com câmera, é um recurso muito popular e aceito. As fotos de flagrante são amplamente usadas pelas revistas de política como forma de denúncia, “[...] impulsionada pela vontade do fotógrafo de promover um suposto bem comum, como nos casos de corrupção na esfera política” (RAMOS, 2013, p. 245).

Diante dessas características é possível observar que o jornalismo de revista é um grande normatizador da sociedade. Pois, ainda que nem todas as pessoas leiam uma revista, muitas delas estão em contato com suas imagens, capas e títulos, frequentemente compartilhados nas redes sociais. Através do impacto de suas reportagens, seu conteúdo é amplamente discutido e, dessa forma, assume um papel fundamental em nossa sociedade.

O sentido sobre o que é ser contemporâneo – e, portanto, sobre o que está ultrapassado e deve ser substituído – está poderosamente inscrito no jornalismo de revista. Ele diz o que importa saber agora e como deve agir, ou se imaginar agindo, o sujeito que está de acordo com o espírito de seu tempo. Ora, provavelmente o saber mais importante, para a maioria dos seres humanos, seja o saber sobre sua época: o que se diz, o que se pensa, como se aprende, do que se gosta, o que se deseja, aonde se vai, como se enfrentam os dilemas da existência (BENETTI, 2013, p. 46).

Um dos maiores receios do homem contemporâneo é a inadequação. Conforme Bauman (apud<sup>11</sup> BENETTI, 2013), o conhecimento sobre a atualidade, que também é produzido pelo jornalismo, está ancorado no conceito de adequação – quais são os parâmetros que definem o que é certo ou errado. Como lembra Prado (2009), esses guias normativos são, muitas vezes, produzidos pelas reportagens presentes nas revistas.

Assim, em seu amplo leque de temáticas e com a reintrodução de temas, as revistas possuem um grande poder de fabricação e construção de percepções sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre o outro. Dessa forma, o jornalismo de revista

---

<sup>11</sup> BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

estabelece uma relação direta com o leitor e as suas emoções e, através de seu discurso, textual e imagético, contribui para formar a opinião pública.

### **2.2.2 A Revista Veja**

Revistas semanais costumam tratar de temas que foram destaque durante a semana, como política, cultura, economia, eventos sociais, focos de celebridades, entre outros. Contudo, a periodicidade não é o principal fator que define as escolhas das pautas. Outros aspectos, como a potencialidade de tratar os assuntos de forma verbal e não-verbal, o investimento necessário e a relevância para o leitor da revista, são fundamentais no momento da escolha. A fidelização de um leitor está diretamente ligada com a capacidade de uma revista entendê-lo e ser capaz de informá-lo sobre o que importa (BENETTI, 2013).

Nesse contexto, o contrato de comunicação estabelece e define as relações e as representações do jornalismo. Isto é, como o jornalista vê a si mesmo e como precisa ser visto pelo seu público. O profissional não tem o total controle sobre a forma como o leitor vai identificá-lo, mas pode interferir em parte do processo.

Como a distribuição do poder de dizer entre jornalistas e leitores é assimétrica, o jornalista tem espaço e oportunidade para afirmar, reiteradamente, o papel que julga desempenhar ou quer que o outro acredite que ele desempenha (BENETTI; HAGEN, 2010, p. 125).

A caracterização da imagem do veículo também é parte do processo da construção de sua identidade. A partir da enunciação o jornalista ou a empresa pode ser representado de forma diferente do que realmente é, ou seja, através do discurso adicionamos características que podem não condizer com a realidade. A essa autoimagem discursiva damos o nome de ethos.

[...] ethos discursivo se constrói quando, dentro da moldura pré-discursiva, o sujeito representa a si diante do outro. O enunciador utiliza estratégias para evidenciar esta ou aquela qualidade e busca modelar a interpretação do outro a partir do modo como se apresenta (BENETTI; HAGEN, 2010, p. 126)

A *Veja*, lançada em 1968 pela Editora Abril, seguiu o modelo de revista que aposta em grandes reportagens. Baseada na americana *Time*, a revista busca resumir os acontecimentos da semana, abordando temas diversificados, como política, economia e cultura. De acordo com informações do site da *Veja*, o periódico é considerado a maior revista do Brasil e segunda maior revista semanal de informação do mundo com uma circulação semanal de 1.206.173 exemplares.

Há 49 anos, *Veja* tem a missão de informar, esclarecer e entreter o leitor, elevando seu nível de compreensão dos fatos, das tendências relevantes para a sua vida pessoal, profissional e sua visão de mundo. (*Veja*<sup>12</sup>, 2017).

Com um discurso ácido, matérias e capas irônicas contendo um forte julgamento e juízo de valor, a revista ganhou um público fiel, em sua maioria de classe média alta. Cerca de 62% dos leitores pertencem às classes A e B e 52% deste público são mulheres. Devido ao grau de confiabilidade que os leitores depositam na revista e à grande quantidade de exemplares vendidos, suas reportagens possuem um grande impacto na percepção da realidade pelo brasileiro.

A representação que *Veja* faz de si está relacionada aos interesses e ao poder econômico-político do Grupo Abril. “Essas editoras, que fazem parte de grandes grupos de comunicação, defendem o sistema capitalista, a livre iniciativa, a competitividade e o lucro” (BENETTI; HAGEN, 2010, p. 129). A partir desses ideais, a revista propõe temas e enquadramentos que reforcem e corroborem esses ideais como os únicos possíveis. Assim, quando a revista *Veja* ataca governos populares, como o PT, há uma intenção muito clara.

Não por acaso a corrupção (unicamente) estatal [...] tornou-se a palavra de ordem contra governos populares, já que só por meio desse discurso as classes privilegiadas conseguem encontrar algum eco nas camadas populares. É o domínio da ‘segunda vida’ do acontecimento, do destaque da interpretação em relação ao fato. (FERNANDES, 2016, p. 105).

Assim, há um apagamento do discurso que não favoreça os interesses comerciais da empresa e o perfil do brasileiro leitor da revista *Veja*. No caso da Lava Jato, por exemplo, a revista tenta criminalizar apenas o PT e aposta que o Ministério Público, a mídia e o Judiciário são capazes de eliminar o partido ou, ao menos, diminuir o seu poder.

Não estamos, desta maneira, eximindo de culpa esse ou aquele político, nem mesmo aplacando os erros do Partido dos Trabalhadores, mas mostrando que há uma tentativa de criminalizar governos que pensam no Estado intervencionista como ferramenta de diminuição das desigualdades sociais, prática que nos acompanha pelo menos desde o começo do século XX, com o início do processo de industrialização. Aqueles contrários ao Estado inclusivo não querem senão a manutenção dos espaços de privilégios e seguir lucrando com a ideia de ineficiência estatal através da venda de serviços privados de saúde, educação, moradia etc. (FERNANDES, 2016, p. 106).

Por ter tanta circulação e repercussão, ela foi escolhida como objeto de análise deste trabalho.

---

<sup>12</sup> <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja>> Acesso em 17 jan. 2017.

## 3 A OPERAÇÃO LAVA-JATO E O JUIZ SÉRGIO MORO

### 3.1 O desafio do herói: A operação Lava-Jato

O herói sofre uma grande influência do mundo que o cerca. Na verdade, o contexto é responsável por definir este arquétipo e as suas motivações. Afinal, o que seria de Batman<sup>13</sup> se, em vez de morar em *Gotham City*, vivesse em uma cidade pacata e sem violência? “A chave para encontrar a sua própria mitologia é saber a que sociedade você se filia. Toda mitologia cresceu numa certa sociedade, num campo delimitado” (CAMPBELL, 2007, p. 23). Portanto, antes de analisarmos a construção heroica do juiz Sérgio Moro, precisamos conhecer o contexto em que ele surge na mídia. Apesar do juiz já ter participado de outras grandes investigações, como o Caso Banestado<sup>14</sup>, foi através da Lava-Jato que ele ficou conhecido mundialmente. A investigação é considerada uma das maiores da história, os volumes desviados ultrapassam os R\$ 14 bilhões. Devido a grande quantidade de operações realizadas – sem contar os seus desdobramentos, até o dia 20 de julho foram 42 operações – incluirei as fases que considero mais importantes.

#### 3.1.1 O princípio

A Operação Lava-Jato iniciou em 2014, com a prisão do doleiro<sup>15</sup> Alberto Yousseff (NETTO, 2016). Para compreendermos o que levou a Polícia Federal a realizar esta prisão é preciso retroceder para o ano de 2008, quando o empresário Hermes Magnus enviou um e-mail para o juiz Sérgio Moro revelando os esquemas de lavagem de dinheiro que aconteciam no Posto da Torre, localizado em Brasília. Em entrevista ao portal alemão DW, Magnus, o ex-dono da Dunel Indústria e Comércio Ltda. e responsável pelas informações que iniciaram as investigações, explicou como se envolveu com o esquema chefiado pelo ex-deputado federal José Janene, que era líder do Partido Progressista na Câmara dos Deputados, e o doleiro Alberto Yousseff.

---

<sup>13</sup> O personagem criado pelo escritor Bill Finger e o artista Bob Kane, em 1939, é um dos mais conhecidos heróis de revistas em quadrinhos da DC Comics. Conhecido por viver em uma cidade com um elevado índice de criminalidade.

<sup>14</sup> Um grande esquema de desvio de dinheiro, por meio de caixa dois, que envolveu empresários, políticos e o crime organizado. Foram desviados cerca de R\$ 28 bilhões para o exterior.

<sup>15</sup> São operadores do mercado paralelo de câmbio, que formam um sistema bancário informal e clandestino.

Eu tinha muitos pedidos e não conseguia atender a todos. Por meio de uma amiga da minha sócia fui apresentado a uma pessoa que intermediava negócios. Mandamos um plano e, em 24 horas, uma empresa de São Paulo me chamou. Eram testas-de-ferro do ex-deputado José Janene (MAGNUS apud STRUCK e ESTARQUE<sup>16</sup>, 2015).

Pouco tempo depois, recebeu a ligação de um fornecedor desconfiado que o alertou sobre a credibilidade do dinheiro das negociações. Assim, Magnus percebeu que havia algo errado.

Um fornecedor alertou que o dinheiro do pagamento não saiu do caixa da Dunel ou da firma da CSA Project Finance, a firma do José Janene, mas de outro lugar. Vi que eles usavam dezenas de CPFs e CNPJs. Os salários eram pagos em dinheiro vivo (MAGNUS apud STRUCK e ESTARQUE, 2015).

Mais tarde os investigadores conseguiriam rastrear de onde partiu o dinheiro investido na empresa Dunel. “A maior parte, 618.343 reais, veio da empresa de Janene, a CSA. Os outros 537.252 reais foram depositados de Brasília, a partir das contas controladas pelo doleiro Carlos Habib Chater” (NETTO, 2016). Chater era o dono do Posto da Torre.

Magnus afirmou à revista *Carta Capital*<sup>17</sup> que, ao descobrir que o local era usado para lavar dinheiro, entrou em contato com a Polícia Federal. Como nada foi feito, ele encaminhou um e-mail ao juiz Sérgio Moro, que trabalhava em uma vara especializada em crimes de corrupção. O juiz respondeu ao seu e-mail informando que não era o responsável pela denúncia e passaria a informação aos órgãos competentes.

Foram longos anos de investigação até que, no dia 17 de março de 2014, o empresário foi surpreendido pelos telejornais:

No início de 2014, eu estava assistindo televisão e vi que o Yousseff e outros tinham sido presos. Fazia tanto tempo... Eu disse: conheço essa gente. Escrevi para o juiz Sérgio Moro, que me respondeu "as informações que o senhor prestou foram de suma relevância para o caso". No início eu fiquei feliz. Voltei a colaborar com a força-tarefa, mas aí voltei a sofrer ameaças. Recebi mensagens que me advertiram a não subir em palanque com a oposição, a não falar com políticos que denunciavam a corrupção na Lava-Jato. À época, eu estava tocando minha fábrica no Rio Grande do Sul. Eu fui perdendo o foco e resolvi acabar com tudo. Comecei a me concentrar em desempenhar a mesma atividade em Portugal (MAGNUS apud STRUCK e ESTARQUE, 2015).

---

<sup>16</sup> <<http://www.dw.com/pt-br/empres%C3%A1rio-que-denunciou-esquema-da-lava-jato-quer-pedir-asilo-%C3%A0-alemanha/a-18610613>> Acesso em 18 jul. 2017.

<sup>17</sup> <<https://www.cartacapital.com.br/revista/850/fala-o-denunciante-881.html>> Acesso em 18 jul. 2017.



A primeira operação, batizada de Lava-Jato – devido ao posto de gasolina de Chater usado para movimentar o dinheiro decorrente dos crimes –, cumpriu 81 mandados de busca e apreensão, 18 de prisão preventiva<sup>18</sup>, 10 de prisão temporária e 19 de condução coercitiva<sup>19</sup>. A prisão do doleiro Alberto Yousseff, durante esta operação, foi chave para a queda de um grande castelo de cartas.

Três dias depois, uma nova operação prendeu temporariamente o ex-diretor de abastecimento da Petrobras Paulo Roberto Costa. Ele havia sido conduzido a depor durante a primeira fase da operação e depois liberado; entretanto, sua prisão foi decretada por receio de que possíveis provas fossem destruídas. A prisão preventiva era de cinco dias, e Costa foi solto. Entretanto, na quarta fase da Lava-Jato, ocorrida em 11 de junho de 2014, o ex-diretor foi preso novamente. No despacho que decretou a prisão, o juiz Moro indicou o risco de fuga do Brasil, já que o acusado era investigado por possuir contas milionárias no exterior.

Durante 35 anos, Paulo Roberto Costa trabalhou na Petrobras. Entrou através de um concurso em 1977 e passou por diversos cargos. A partir de 1995, assumiu um cargo de direção e, em 2004, se tornou diretor de Abastecimento, função que ocupou até 2012. “Ao longo de oito anos, ele foi responsável por várias obras da petroleira. Conheceu de perto praticamente todos os grandes empreiteiros do país” (NETTO, 2016).

Nos depoimentos de Yousseff e Costa foram reveladas as participações de vários funcionários de altos cargos dentro da Petrobras, que mantinham acordos com os maiores empreiteiros do país. Mediante o pagamento de propinas, combinavam os valores de cada nova obra e ainda qual empresa seria responsável pela construção. Esse acordo ilegal configuraria o crime de formação de cartel.

---

<sup>18</sup> Um recurso usado antes de uma condenação para impedir que o réu fuja ou prejudique as investigações. Para isso é necessário comprovar que o réu cometeu o crime através de provas contundentes.

<sup>19</sup> É um instrumento usado para forçar o depoimento de pessoas que não estão colaborando com a Justiça.

### 3.1.2 As principais operações

Os acordos de delação premiada<sup>20</sup> firmados por Alberto Yousseff e Paulo Roberto Costa com o Ministério Público Federal foram fundamentais para os próximos passos da Lava-Jato. Em pouco tempo outros envolvidos no esquema ofereciam informações já prevendo que seriam presos. Augusto Ribeiro de Mendonça Neto e Júlio Camargo, da empresa Toyo Setal, e Pedro Barusco, ex-gerente executivo da Petrobras, deram seus depoimentos. A partir dessas denúncias, os investigadores tiveram mais informações sobre o esquema do cartel.

Paulo Roberto e Yousseff haviam falado do cartel, mas eles não iam às reuniões dos empreiteiros. Eles tinham que conseguir alguém que contasse o que acontecia dentro do cartel. Era o que Augusto Mendonça estava fazendo. (NETTO, 2016, p. 72)

No dia 14 de novembro de 2014, iniciou a sétima fase da Operação. A matéria do site G1<sup>21</sup> indicou, através do material colhido pelas apreensões da Lava-Jato, que era possível produzir um material consistente capaz de apontar o envolvimento de nove empreiteiras em formação de cartel e desvio de recursos públicos. Na Operação Juízo Final, a Polícia Federal informou que foram cumpridos mandados de busca e apreensão nas sedes das empresas Queiroz Galvão, Mendes Junior, Camargo Corrêa, Engevix, OAS, Galvão Engenharia, UTC, Odebrecht e IESA. Além disso, foram expedidos mandados de prisão de funcionários dessas empresas. O ex-diretor da Petrobras Renato Duque foi preso e liberado posteriormente.

Entre março e maio de 2015 aconteceram várias operações. Todas foram marcadas por prisões, como a do ex-diretor da área internacional da Petrobras Nestor Cerveró, acusado de corrupção e lavagem de dinheiro. A décima operação, denominada Que País É Esse?, foi marcada por nova prisão de Renato Duque. Na fase seguinte, chamada de A Origem, vários políticos foram presos: os ex-deputados federais André Vargas (PT), Pedro Corrêa (SDD) e Luiz Argolo (PP). O tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, também foi preso.

As operações seguintes foram desdobramentos de etapas anteriores. A décima quarta operação, ocorrida em 19 de junho de 2015, recebeu o nome Erga

---

<sup>20</sup> Acordo que concede benefícios a criminosos para incentivar que colaborem com a Justiça. Esses benefícios podem ser a diminuição da pena, alteração do regime de cumprimento da pena ou a isenção da pena.

<sup>21</sup> <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2014/11/empresas-suspeitas-de-corrupcao-e-cartel-sao-investigadas-na-lava-jato.html>> Acesso em 19 jul. 2017.

Omnes (expressão em latim que significa “vale para todos”). Os alvos foram as maiores empreiteiras do Brasil. Nela foram presos o presidente da Odebrecht, Marcelo Odebrecht, e o da Andrade Gutierrez, Otávio Azevedo. Na decisão, Moro explicou por que o foco foi apenas nessas duas empresas:

[...] as duas construtoras adotaram modos mais sofisticados para a prática dos crimes, com pagamento de propinas principalmente no exterior e através de contas secretas. Elas mandariam dinheiro para fora, para bancos na Suíça, em Mônaco e no Panamá, e de lá fariam os pagamentos para executivos ligados à Petrobras. Com Paulo Roberto Costa foi assim, como ele mesmo afirmou em depoimento: ‘Os valores da Suíça, que foram depositados lá, todos esses valores foram feitos através da Odebrecht’ (MORO apud<sup>22</sup> NETTO, 2016, p. 210)

As apreensões de documentos das empreiteiras ainda renderiam a prisão dos donos de outras construtoras, como José Antunes Sobrinho, da Engevix, na décima nona operação, Nessun Dorma (ninguém dorme, em português).

No dia 24 de novembro de 2015, a vigésima primeira operação, Passe Livre, prendeu o pecuarista José Carlos Bumlai. O lobista Fernando Baiano afirmou em depoimento que havia repassado R\$ 2 milhões a Bumlai e o dinheiro havia sido usado para pagar uma dívida imobiliária de uma nora de Lula. Um dia depois, o senador Delcídio do Amaral (PT), líder do governo no Senado, foi preso. A justificativa foi a tentativa de atrapalhar as apurações da Lava-Jato.

Por ser próximo das lideranças do PT, a delação de Delcídio mexeu com a mídia no país. De acordo com o G1<sup>23</sup>, seu depoimento fez acusações contundentes:

Afirmou que a ex-ministra da Casa Civil Erenice Guerra foi a principal operadora de um desvio de R\$ 45 milhões de obras da usina hidrelétrica de Belo Monte para campanhas do PT e do PMDB. Contou que Dilma agiu para manter na Petrobras os diretores envolvidos no esquema de corrupção na estatal e atuou para interferir no andamento da Operação Lava-Jato e que, como presidente do Conselho de Administração da Petrobras, sabia que havia um esquema de superfaturamento por trás da compra da refinaria de Pasadena, nos Estados Unidos. Ele também disse que Lula tinha conhecimento do esquema de corrupção da Petrobras, que agiu pessoalmente para barrar as investigações da Lava-Jato e que era o mandante do pagamento para tentar comprar o silêncio de testemunhas. Afirmou também que o senador Aécio Neves (PSDB-MG) foi beneficiário de um “grande esquema de corrupção” na estatal Furnas. Delcídio contou que o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, ofereceu ajuda política e financeira para que ele não fizesse a delação e que o vice-presidente Michel Temer está envolvido em um escândalo de aquisição ilícita de etanol, na BR distribuidora, entre 1997 e 2001.

<sup>22</sup> NETTO, V. **Lava-Jato**: o juiz Sérgio Moro e os bastidores da operação que abalou o Brasil. v. I. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2016.

<sup>23</sup> <<http://especiais.g1.globo.com/politica/2015/lava-jato/delatores-da-lava-jato/>> Acesso em 20 jul. 2017.

(<http://especiais.g1.globo.com/politica/2015/lava-jato/delatores-da-lava-jato/>, 2015)

O depoimento de Delcídio foi o estopim da vigésima quarta operação da Lava-Jato, chamada Aletheia, palavra grega que significa a busca da verdade. No dia 4 de março de 2016, a PF conduziu coercitivamente o ex-presidente da República Luís Inácio Lula da Silva ao aeroporto de Congonhas para prestar depoimento. Foi uma das decisões mais famosas e contestadas de Sérgio Moro, devido à grande exposição da mídia, com helicópteros sobrevoando a residência do ex-presidente e a presença de inúmeros repórteres no local. Na operação foram realizados 33 mandados de busca e apreensão e 11 conduções coercitivas. Entre os alvos, além do ex-presidente, estavam seus dois filhos e Paulo Okamoto, presidente do Instituto Lula. Foram realizadas buscas no Instituto Lula, na casa do ex-presidente e no apartamento tríplice que a acusação acreditava ser de Lula e que teria sido reformado pela empresa OAS através de pagamento de propina.

Entre as várias operações realizadas durante o ano de 2016, três ganharam destaque devido a sua importância. Na fase Arquivo X, realizada no dia 22 de setembro, houve a prisão do ex-ministro da Fazenda Guido Mantega. A acusação alegou que Mantega teria arrecadado cinco milhões de reais em propina para o pagamento de campanhas políticas do PT em 2012. Quatro dias depois, a Operação Omertà resultou na prisão do ex-ministro da Fazenda e da Chefia da Casa Civil Antônio Palocci. Para a PF, Palocci agiu para garantir que o Grupo Odebrecht conseguisse contratos com o poder público, através de benefícios fiscais que ajudariam a empreiteira a fechar negócios na África. E a última operação do ano – um desdobramento da Lava-Jato –, realizada em 17 de novembro, Calicute, prendeu o ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral (PMDB). A PF o acusou de cobrança de suborno em contratos com o poder público e desvio de recursos públicos federais em obras realizadas pelo governo do Rio de Janeiro.

O primeiro semestre de 2017 foi marcado por investigações de políticos e grandes delações. Contudo, o maior alvo das operações continuou sendo a Petrobras. No dia 23 de fevereiro, a PF realizou a trigésima oitava operação, foram presos Jorge e Bruno Luz, operadores financeiros ligados ao PMDB. A justificativa era que ambos faziam a intermediação do dinheiro ilegal envolvendo contratos com a estatal. Visando às operações financeiras negociadas durante a aquisição pela

Petrobras de direitos de exploração de petróleo em Benin, na África, a Operação Poço Seco, realizada em 26 de maio, também envolveu a família Luz.

De acordo com a Polícia Federal, até o dia 23 de julho de 2017 foram emitidos 100 mandados de prisão temporária, 205 de condução coercitiva e 725 de busca e apreensão no escopo da Lava-Jato. Abaixo a tabela com os dados de toda Operação:

**Tabela 1 – Os números da Operação Lava-Jato**

Trabalho da Polícia Judiciária	Total
Mandados de busca e apreensão	844
Mandados de condução coercitiva	210
Mandados de prisão preventiva	97
Mandados de prisão temporária	104
Flagrantes	6
Policiais envolvidos para cumprimento de todas as medidas	4.220*
Viaturas envolvidas em todas as medidas	1.320*
Procedimentos de quebras de sigilo bancário e fiscal	650*
Procedimentos de quebras de sigilos de dados (telemático)	350*
Procedimentos de quebras de sigilo telefônico	330*
Número de inquéritos policiais instaurados	326
Número de inquéritos policiais em andamento	187
Processos eletrônicos abertos	1.397
Bens bloqueados ou apreendidos nas operações	R\$ 2.400.000.000,00
Repatriados	R\$ 745.100.000,00
Valores analisados em operações financeiras investigadas	R\$ 12.500.000.000.000,00

Fonte: site da polícia federal<sup>24</sup>

<sup>24</sup> <<http://www.pf.gov.br/imprensa/lava-jato/numeros-da-operacao-lava-jato>> Números atualizados em 14/08/2017. Acesso em 10 out. 2017.

### 3.1.3 Delações

Embora sejam contestadas por beneficiar infratores e empresários corruptos, que usam informações como moeda de troca para reduzir suas penas, as colaborações premiadas expandiram as ações da Lava-Jato, inclusive originando desdobramentos e outras operações, como a Eficiência, que envolveu o empresário Eike Batista. Dono de várias empresas e considerado um dos homens mais ricos do Brasil na época, Eike foi preso, acusado de pagar propina para obter contratos com o governo estadual de Sérgio Cabral.

Apesar da Operação Lava-Jato ser fortemente influenciada pela Operação Mãos Limpas<sup>25</sup> – que usou amplamente o recurso da colaboração premiada –, a Constituição Federal atual prevê o benefício para aqueles que aceitam colaborar nas investigações, já tendo sido regulamentado em diversas leis brasileiras, como a lei 12.850/13<sup>26</sup>, homologada em 2013. Essa lei define o conceito de organização criminosa e prevê os meios de obtenção de provas, infrações penais e o procedimento criminal que deve ser adotado. De acordo com o artigo 4º, o juiz pode conceder o perdão judicial, reduzir em até 2/3 a pena privativa de liberdade ou substituí-la por pena restritiva de direitos.

Pensando nisso, muitos envolvidos nos crimes investigados pela Lava-Jato decidiram colaborar. Entre as delações que mais impactaram a mídia brasileira estão as realizadas pelos funcionários e executivos da empreiteira Odebrecht e a dos irmãos Joesley e Wesley Batista, donos da JBS, uma das maiores empresas da indústria alimentícia mundial no momento.

Em abril de 2017, o noticiário brasileiro veiculou informações provenientes das 78 delações de ex-funcionários e executivos da Odebrecht, como Marcelo Odebrecht, presidente da empreiteira. O conjunto de delações ficou conhecido na imprensa como Delação do Fim do Mundo. O jornal *O Estado de S. Paulo*<sup>27</sup> divulgou

---

<sup>25</sup> Em italiano: *Mani pulite*, realizada na Itália, durante a década de 1990. A investigação italiana descobriu um grande número de licitações irregulares e o uso do poder público em benefício de empresas privadas e partidos políticos. Ao todo foram emitidos 2.993 mandados de prisão, de um total de 6.059 pessoas investigadas. A consequência direta da Operação foi à extinção de muitos partidos e a ascensão de empresários na política do país, como o ex-primeiro ministro italiano Silvio Berlusconi. Em julho de 2015, Berlusconi foi condenado a três anos de prisão por um ato de corrupção cometido em 2006, todavia a pena já havia prescrito.

<sup>26</sup> <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12850.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12850.htm)> Acesso em 22 jul. 2017.

<sup>27</sup> <<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/exclusivo-a-lista-de-fachin/>> Acesso em 22 jul. 2017.

que o Supremo Tribunal Federal havia solicitado 83 inquéritos, envolvendo oito ministros do governo Michel Temer; quatro ex-presidentes da República (Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff); além de 24 senadores, 39 deputados federais e três governadores. De acordo com notícia do *El País*<sup>28</sup>, havia também outros pedidos de investigação transitando em outras instâncias, como o Superior Tribunal de Justiça, Tribunais de Justiça dos Estados e varas federais.

As acusações são, em sua maioria, de recebimento de recursos ilícitos para auxiliar em projetos de lei, contratações para obras ou liberação de recursos. No Código Penal serão investigados por delitos como corrupção passiva<sup>29</sup> e ativa e lavagem de dinheiro. Poucos escapam. A relação atinge quase todas as esferas de poder. Doze governadores, deputados estaduais, conselheiros de tribunais de contas estaduais e de municípios estão na lista. (BENITES, 2017)

Os executivos da Odebrecht afirmaram que o presidente da República Michel Temer (PMDB) pediu US\$ 40 milhões<sup>30</sup> e solicitou pessoalmente a Marcelo Odebrecht apoio financeiro para as campanhas de seu partido em 2014. Fernando Henrique Cardoso (PSDB) foi acusado de ter recebido verba ilícita nas campanhas à presidência em 1993 e 1997<sup>31</sup>. O senador Aécio Neves (PSDB), além de ter recebido R\$ 50 milhões em troca de apoio<sup>32</sup>, apareceu em cinco inquéritos por indícios de lavagem de dinheiro, corrupção, formação de cartel e fraude em licitações.

Os executivos relataram que a Odebrecht havia custeado várias despesas do ex-presidente Lula, na aquisição de imóveis, reforma de um sítio em Atibaia (SP), pagamentos de palestras e construção do Instituto Lula. Além disso, a empreiteira teria feito “favores” aos familiares de Lula e destinado cerca de R\$ 40 milhões ao “amigo”, como seria conhecido.

As gravações dos áudios de conversas dos donos da JBS, Joesley e Wesley Batista, com alguns políticos atingiram a política brasileira como uma bomba em

<sup>28</sup> <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/12/politica/1491953886\\_549601.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/12/politica/1491953886_549601.html)> Acesso em 22 jul. 2017.

<sup>29</sup> Ao pedir ou receber qualquer tipo de benefício ilegítimo no exercício do cargo, o agente público comete o crime de corrupção passiva, enquanto aquele que oferece uma vantagem indevida para o funcionário público comete crime de corrupção ativa.

<sup>30</sup> <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/04/1875185-temer-foi-a-reuniao-em-que-se-cobrou-propina-de-us-40-mi-diz-delator.shtml>> Acesso em 22 jul. 2017.

<sup>31</sup> <[http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/04/12/interna\\_politica,861683/emilio-odebrecht-fala-em-repasses-para-campanhas-de-fhc.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/04/12/interna_politica,861683/emilio-odebrecht-fala-em-repasses-para-campanhas-de-fhc.shtml)> Acesso em 22 jul. 2017.

<sup>32</sup> <<http://g1.globo.com/politica/noticia/aecio-recebeu-r-50-milhoes-para-defender-interesse-de-empreiteiras-em-hidreletricas-dizem-delatores.ghtml>> Acesso em 22 jul. 2017.

2017. Joesley entregou à Procuradoria Geral da República uma gravação do senador e ex-presidente do PSDB Aécio Neves pedindo a ele R\$ 2 milhões para o pagamento de sua defesa na Lava-Jato. A entrega desta quantia a um primo de Aécio foi filmada pela Polícia Federal. Joesley ainda afirmou que a JBS havia pagado R\$ 63 milhões para Aécio defender os interesses do grupo J&F, a *holding*<sup>33</sup> da qual faz parte a JBS.

O presidente Temer também teve uma conversa gravada por Joesley Batista, dando a ele o seu consentimento para comprar o silêncio do ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (PMDB), preso por corrupção.

O dono da JBS também informou na delação que abriu contas no exterior para os ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff. “Essas duas contas, segundo a delação, somavam US\$ 150 milhões em 2014, valores oriundos de ‘ajustes sucessivos de propina do esquema BNDES e do esquema gêmeo que funciona nos fundos Funcef e Petros (fundos de pensão de funcionários da Caixa Econômica Federal e Petrobras)’”, descreve a BBC<sup>34</sup>.

É importante destacar que, mesmo que vários políticos importantes tenham sido citados por essas delações, o ex-presidente Lula sempre esteve mais presente nos noticiários dos telejornais e nas capas das revistas semanais, ainda que não estivesse exercendo nenhum cargo naquele momento. Essas publicações ajudam a construir a imagem de um político corrupto, personificando a imagem de um vilão. Isto mais tarde será novamente citado em minha análise, pois a construção do vilão (sobre o arquétipo da Sombra) favorece o surgimento de um herói.

### **3.1.4 O Papel das Instituições na Investigação**

Para realizar uma operação complexa como a Lava-Jato é necessário o trabalho em conjunto de várias instituições. As principais instituições que participam das investigações ocorridas na Lava-Jato, no momento desta pesquisa, são a Polícia Federal, que conduz a investigação inicial e realiza a maior parte das ações de buscas, apreensões e prisões; o Ministério Público, responsável por avaliar a

---

<sup>33</sup> Empresa que detém a posse majoritária de ações de outras empresas denominadas subsidiárias, centralizando o controle sobre elas.

<sup>34</sup> <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39983080>> Acesso em 22 jul. 2017



investigação policial e decidir se o investigado deve ou não ser acusado; e, se acusado, o Poder Judiciário que é responsável por julgar os casos.

#### **3.1.4.1 Polícia Federal**

De acordo com o primeiro parágrafo do artigo 144 da Constituição Federal, a Polícia Federal é um órgão permanente, organizado e mantido pela União. A instituição é subordinada ao Ministério da Justiça e chefiada pelo diretor-geral do Departamento de Polícia Federal. Apesar de estar ligada ao governo federal, a PF possui autonomia investigativa, dessa forma, ninguém pode escolher nem limitar os casos apurados. Contudo, necessita da aprovação do Judiciário para realizar medidas como quebra de sigilo, prisões provisórias e apreensões.

Entre as suas funções, o artigo 144 inciso I destaca:

[...] apurar infrações penais contra a ordem política e social ou em detrimento de bens, serviços e interesses da União ou de suas entidades autárquicas e empresas públicas, assim como outras infrações cuja prática tenha repercussão interestadual ou internacional e exija repressão uniforme, segundo se dispuser a lei. (Constituição, 1988)

Dessa forma, é natural que a Polícia Federal também esteja envolvida nas investigações da Operação Lava-Jato, visto que, além de realizar ações em vários estados do país envolve a Petrobras, uma das principais empresas do Brasil, da qual o Governo Federal é o maior acionista.

A PF também executa as ordens judiciais que exijam o uso da força, como buscas e apreensões em locais de trabalho ou residências, prisões e conduções coercitivas para prestar depoimento.

#### **3.1.4.2 Ministério Público Federal**

Assim como a Polícia Federal, o Ministério Público (MP) também tem o poder de investigar crimes e analisar as provas coletadas. O artigo 127 da Constituição Federal descreve o Ministério Público Federal (MPF) como uma instituição permanente e essencial ao Estado. Responsável por defender a ordem jurídica, o regime democrático e os interesses sociais e individuais indisponíveis, a instituição tem a missão de fiscalizar os três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário. É um

órgão público independente e possui autonomia funcional, administrativa e financeira.

O Ministério Público Federal é chefiado pelo procurador-geral da República responsável por desempenhar as funções do MP junto aos tribunais superiores, como o Superior Tribunal de Justiça e o Supremo Tribunal Federal. Também investiga e propõe ações penais junto aos tribunais superiores de cargos com foro privilegiado, como deputados, senadores e ministros.

Integrante do Ministério Público da União, o MPF atua na Justiça Federal, em causas nas quais a Constituição considera haver interesse do poder público federal. O Ministério Público Federal investiga e denuncia crimes contra a Administração Pública, ou seja, que causem prejuízo aos bens, serviços ou interesses da União ou de suas autarquias. Também age contra crimes praticados por servidores públicos federais. Por conta disso, possui um envolvimento muito grande com a Operação Lava-Jato. A instituição faz as denúncias dos casos à Justiça Federal, que, quando aceita a denúncia, abre um processo contra os investigados.

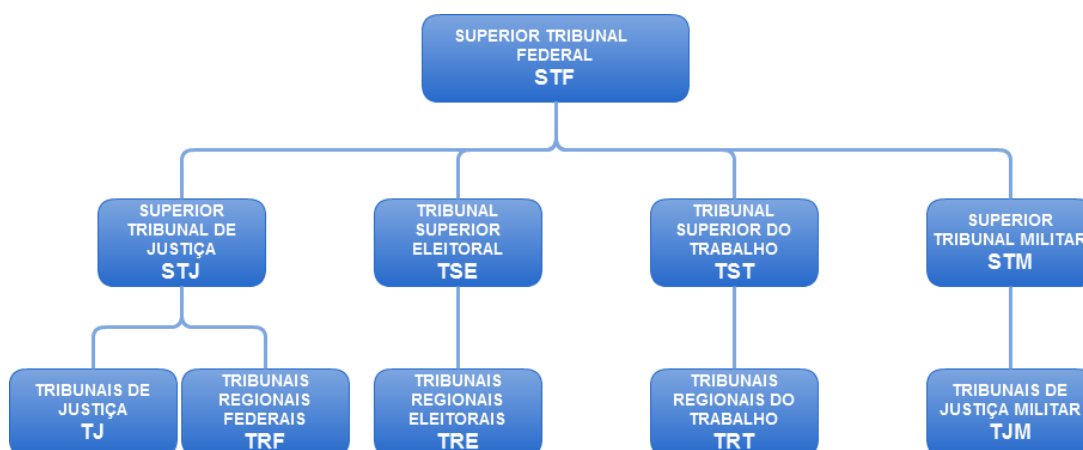
O MP criou uma força tarefa, em Curitiba, para investigar os crimes da Lava-Jato. Além de outros funcionários, o grupo é composto por nove procuradores, sendo os principais: Orlando Martello Júnior, Carlos Fernando Lima, Januário Paludo e o coordenador Deltan Dallagnol. Todos participaram das investigações do caso Banestado, portanto já possuem conhecimento sobre crimes de lavagem de dinheiro e evasão de divisas. Assim como a Polícia Federal, o MP também pode pedir à Justiça autorização para realizar investigações e ações de busca e apreensão, além de conduções coercitivas e quebras de sigilo, o que tem provocado conflito entre as duas instituições.

Em 2011, essa confusão nos poderes das instituições causou uma disputa. O deputado federal Lourival Mendes (PTdoB) apresentou a PEC 37, que pretendia limitar as funções do MP a atuar apenas depois das investigações. A medida ganhou o apoio dos delegados federais, por entender que traria uma divisão mais clara das atividades de cada um. Já os membros do Ministério Público a apelidaram de “PEC da impunidade” por entender que ela reduziria as suas competências nas investigações e punições dos criminosos. A PEC 37 foi rejeitada.

### 3.1.4.3 Judiciário

O Poder Judiciário do Brasil, organizado pela Constituição Federal de 1988, é o conjunto dos órgãos públicos responsáveis por garantir o cumprimento das leis e, através delas, solucionar os conflitos da sociedade. Sua hierarquia é baseada em três instâncias, que correspondem aos graus de jurisdição: a primeira instância, onde as ações judiciais geralmente iniciam, é composta pelos juízes de cada comarca, juízes federais, eleitorais, do trabalho e auditores; a segunda instância, que julga as decisões da primeira instância, mas também pode originar processos de réus que possuem foro privilegiado<sup>35</sup>, é formada pelos tribunais de Justiça, regionais federais, eleitorais e do trabalho; por fim, a instância superior, que reúne o Supremo Tribunal Federal (STF), Superior Tribunal de Justiça, Superior Tribunal do Trabalho e Superior Tribunal Eleitoral.

**Figura 1 – A hierarquia do Judiciário brasileiro**



Fonte: Cálculo Certo, 2011.

Por ser a mais alta instância do Judiciário brasileiro, o Supremo Tribunal Federal possui a competência de corte suprema, ou seja, não há como entrar com um novo recurso ou apelação após a sua decisão. Além disso, possui a função de zelar pela correta aplicação da Constituição, julgando se determinado tema é constitucional ou inconstitucional. Composto por 11 ministros, atualmente é presidido pela jurista Cármen Lúcia Antunes Rocha.

<sup>35</sup> Permite que as ações penais do presidente da República, vice-presidente, ministros do STF, procurador-geral da República e advogado-geral da União tramitem nos tribunais, em instâncias mais elevadas, e não nos juizados de primeira instância.

O STF também possui a atribuição de julgar o *habeas corpus*<sup>36</sup>, mandado de segurança<sup>37</sup>, o *habeas data*<sup>38</sup> e o mandado de injunção<sup>39</sup> decididos pelos Tribunais de Justiça. Compete também ao Supremo processar e julgar as infrações penais comuns dos cargos que possuem foro privilegiado, como ministros, o presidente da República e o vice-presidente, os membros do Congresso Nacional e o procurador-geral da República (art. 102, inc. I, a e b, da Constituição).

O ministro Edson Fachin é o juiz relator da Operação Lava-Jato no STF. Ele é responsável por analisar os processos, apresentar os relatórios e suas decisões aos demais ministros. O cargo lhe permite validar ou invalidar provas, ditar o ritmo de tramitação do processo, encaminhar *habeas corpus* para julgamento, determinar a instauração de inquérito – a primeira etapa da investigação criminal no Supremo – e, até mesmo, decidir pelo afastamento de senadores e deputados acusados de corrupção.

Abaixo do STF, o Poder Judiciário é formado por diferentes ramos, nas esferas federal e estadual, e três especializados, militar, eleitoral e trabalhista. Todos estes segmentos são compostos por diferentes instâncias.

A segunda instância da Justiça Federal, responsável por julgar as decisões da primeira instância, é formada por cinco Tribunais Regionais Federais que abrangem todo o território brasileiro. Com sede em Porto Alegre, o TRF da 4ª região compreende as seções judiciárias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, sendo responsável pelas investigações da Lava-Jato, que ocorrem em Curitiba.

Após a primeira instância emitir a sentença, a defesa tem um prazo de cinco dias para apresentar um termo de apelação. Se a defesa entrar com a apelação, o processo sobe à segunda instância e é analisado pela 8ª Turma do TRF-4, composta atualmente por três desembargadores: o desembargador-relator Pedro Gebran Neto analisa o caso e as apelações e elabora um relatório e o seu voto; na etapa seguinte, o desembargador-revisor Leandro Paulsen analisa o processo e também escreve o seu voto; e, por fim, as informações são passadas ao

---

<sup>36</sup> É um instrumento usado quando alguém sofre ou se sente ameaçado de sofrer violência ou coação do seu direito de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder.

<sup>37</sup> Serve para garantir um direito líquido e certo, individual ou coletivo, que esteja sendo violado ou ameaçado por uma autoridade.

<sup>38</sup> É uma ação que visa garantir o acesso de uma pessoa a informações sobre ela que façam parte de arquivos ou bancos de dados de entidades governamentais ou públicas.

<sup>39</sup> É usado para garantir o direito de alguém prejudicado pela omissão do poder público.

desembargador Victor Luiz dos Santos Laus, que dá encaminhamento às ações. Se for considerado culpado, o réu já pode ser preso, embora ainda possa apelar ao Superior Tribunal de Justiça ou ao STF (ROLLSING, 2017)<sup>40</sup>.

A Justiça Federal comum é o órgão de primeira instância do Judiciário, cuja função é julgar causas que envolvam a União, as autarquias ou empresas públicas federais e as fundações, sejam como autoras ou rés, exceto nos casos que sejam do âmbito da Justiça Eleitoral, Militar ou do Trabalho, que possuem seus próprios tribunais. A primeira instância federal é composta por uma Seção Judiciária em cada estado da Federação. Essas seções são formadas por um conjunto de varas federais.

Em 2003, o juiz Gilson Dipp articulou a criação de diversas varas especializadas em crimes de lavagem de dinheiro. Segundo um estudo conduzido por Dipp, quase ninguém era processado por esses crimes no país. Isso ocorria porque, apesar da lei 9.613<sup>41</sup>, criada em 1998, faltavam varas especializadas nessa área para julgar os casos (NETTO, 2016). Com a mudança, a 2ª vara da Justiça Federal de Curitiba mudou para a 13ª vara federal, voltada a crimes de lavagem de dinheiro, da qual o funcionário público federal Sérgio Fernando Moro é o juiz titular.

### **3.2 Sérgio Moro**

Pudemos constatar ao longo deste capítulo que a Operação Lava-Jato não depende apenas de uma pessoa. Ela surge e é mantida pelo esforço de várias instituições, como a Polícia Federal, o Ministério Público e o Judiciário, divididos em suas esferas estaduais e federais. Embora cada uma tenha tentado assumir o protagonismo da Operação, não há a menor dúvida de que o juiz Sérgio Moro, através do discurso midiático, tornou-se a figura principal. Sendo este o herói desta jornada construída pelo jornalismo, precisamos compreender quem ele é.

---

<sup>40</sup> <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2017/05/como-funciona-a-tramitacao-de-processos-da-lava-jato-em-segunda-instancia-9786179.html>> Acesso em 30 ago. 2017

<sup>41</sup> <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9613.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9613.htm)> Acesso em 26 jul. 2017

### 3.2.1 Biografia

Nascido em 1972, Sérgio Fernando Moro é filho da professora de português Odete Starke Moro e do professor de geografia Dalton Áureo Moro. Coursou escolas públicas e terminou o ensino médio no Colégio Gastão Vidigal, a maior escola da rede estadual em Maringá, interior do Paraná, onde o pai havia sido vice-diretor e a mãe, professora.

Graduado em Direito pela Universidade Estadual de Maringá, no final de 1994, fez mestrado e doutorado na Universidade Federal do Paraná. Começou a carreira como juiz substituto, em 1996, após passar em um concurso para juiz federal. Assim como o pai, tornou-se professor universitário. Ainda em 1996, começou a lecionar no curso de Direito da faculdade União Educacional de Cascavel (Univel). Foi como professor que Moro conheceu a sua esposa, Rosângela Maria Wolff de Quadros. A família, mais tarde, seria formada por um casal de filhos.

Em julho de 1998, participou de um programa de instrução de advogados em Harvard e outro sobre lavagem de dinheiro promovido pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. No mesmo ano, foi promovido a juiz titular em Cascavel (PR), onde ajudou a inaugurar uma Vara Federal.

Netto descreve o juiz como um leitor voraz que, durante a infância gastava todo seu dinheiro em gibis, mas que hoje costuma ir à banca ver revistas e jornais. “Sua conta na Amazon registra a preferência por biografias, livros sobre grandes casos da Corte americana, sobre a Operação Mãos Limpas e o julgamento da máfia italiana pelo juiz Giovanni Falcone” (NETTO, 2016, p. 44).

Falcone é uma das grandes inspirações de Sérgio Moro. Durante os anos 1980, o investigador italiano comandou um grande processo contra a máfia italiana. Era conhecido por conduzir com mãos firmes um processo de grande magnitude, responsável por mandar muitos poderosos para a cadeia, e ainda tinha habilidade para conseguir o apoio da opinião pública (NETTO, 2016).

Assim como Falcone, Moro tem convicção de que o combate ao crime organizado exige um aprimoramento constante no processo judicial. Na Itália, isso significou uma legislação que beneficiava aqueles que confessavam os crimes e colaboravam com as investigações, que eram chamados de “arrepentidos”. Eles foram fundamentais lá, como os delatores da Lava-Jato são aqui. Aos funcionários de seu gabinete e aos amigos, Moro costuma recomendar o livro *Cosa Nostra*, sobre a trajetória de Falcone (NETTO, 2016, p.181).

Ao contrário do que ficou marcado no Brasil, Giovanni Falcone não era juiz. Na verdade, era *giudici istruttori* – na tradução literal, um juiz instrutor, cargo extinto na reforma do Código do Processo Penal italiano de 1988 –; no Brasil, o delegado de polícia exerce as funções mais próximas. Além disso, ele não participou da Operação Mãos Limpas. Falcone morreu em um atentado da máfia em 1992, ano em que as investigações estavam iniciando. Embora tenha sido famosa por prender vários políticos, a Operação Mãos Limpas influenciou a população a ter um grande descrédito com a política e isso permitiu a ascensão de grandes empresários na esfera política. Um deles foi Silvio Berlusconi, que mais tarde seria condenado à prisão por corrupção de um senador. A pena, porém, não foi aplicada porque o delito prescreveria muito antes de um julgamento, caso o acusado recorresse.

Em um artigo para a revista do Conselho da Justiça Federal, em 2004, Moro revelou entusiasmo pela forma adotada pelos investigadores italianos.

É ingenuidade pensar que processos eficazes contra figuras poderosas, como autoridades governamentais ou empresários, possam ser conduzidos sem reações. Entretanto, a opinião pública é também essencial para o êxito da ação judicial [...] Pode constituir um salutar substitutivo, tendo condições melhores de impor alguma espécie de punição a agentes públicos corruptos, condenando-os ao ostracismo (MORO, 2004, p. 57-61).

Ao ser promovido de juiz substituto a juiz titular, em 1999, Moro atuou em Cascavel, no interior do Paraná. Lá ele teve a primeira experiência com processos criminais. Mais tarde foi transferido para Joinville, no interior de Santa Catarina. Ainda como juiz titular, em 2003, recebeu a proposta para assumir a 2ª Vara Federal em Curitiba, alterada posteriormente para 13ª Vara Federal, especializada em crimes de lavagem de dinheiro. Isso o fez retornar a Curitiba. Dessa forma, ele seria responsável por todos os casos relacionados à corrupção no estado do Paraná.

Em pouco tempo chegaram os documentos do caso Banestado, um megasquema que escoou cerca de R\$ 30 bilhões (vindos de rendimentos de caixa dois de empresas, políticos e do crime organizado) para uma conta do banco Banestado, nos Estados Unidos. Foram os primeiros passos de Moro coordenando uma grande investigação sobre desvio de dinheiro. O juiz esteve à frente da Operação Zapata, que resultou na prisão do traficante de drogas Lúcio Rueda Bustos, do Cartel de Juárez, um dos maiores do mundo. Moro condenou Bustos a 10 anos de prisão por lavagem transnacional de dinheiro do tráfico e determinou a venda dos bens do mexicano, que atingiu R\$ 13,7 bilhões (COSTA, 2016).

Em 2007, começou a dar aulas na Universidade Federal do Paraná. Por conta de seu envolvimento no julgamento no caso do Banestado e da Operação Zapata, ficou conhecido nacionalmente e, em 2012, foi convidado a trabalhar como juiz instrutor no STF. A ministra Rosa Weber havia trabalhado com a Justiça do Trabalho e não tinha experiência com julgamentos penais, por isso designou Moro como assistente para auxiliá-la na decisão dos votos sobre o Mensalão.

### **3.2.2 A Lava-Jato**

Ao retornar à 13ª Vara Federal de Curitiba, Moro começou a dar os primeiros passos na Lava-Jato. Devido à experiência do juiz com casos de lavagem de dinheiro – é uma das referências sobre o assunto no país – era natural que se dedicasse a esta investigação. Até mesmo porque, no decorrer das investigações, foram descobertos vários crimes praticados em diferentes estados, mas era no Paraná que o doleiro Alberto Yousseff, um dos principais investigados naquele momento, possuía uma residência. Além disso, Yousseff lavou dinheiro por meio de imóveis localizados em Londrina e Curitiba<sup>42</sup>, de acordo com informações do Ministério Público.

Entretanto, Moro não escolheu ser o juiz da Lava-Jato. Em julho de 2006, a Justiça Federal do Paraná recebeu um inquérito que investigava indícios de que o doleiro Yousseff e o ex-deputado José Janene (PP) lavavam o dinheiro oriundo do Mensalão. Ao receber o inquérito, Moro o relacionou com o caso do Banestado, em que Yousseff era um dos principais investigados. Anos mais tarde, em 2009, a Polícia Federal abriu um novo inquérito para investigar as empresas do deputado federal José Janene, como a Dunel Indústria. O conteúdo coletado fez com que os investigadores chegassem ao doleiro Carlos Habib Chater, dono do Posto da Torre (Irion, 2014)<sup>43</sup>.

Menos de um ano após a primeira operação da Lava-Jato, a fama do juiz Sérgio Moro havia se espalhado por todo o país.

Ao longo de meses, a operação e seu juiz vinham sendo saudados em manifestações de rua espontâneas. Uma das primeiras vezes que o nome de Moro apareceu em um ato desses foi em 15 de novembro de 2014, um

---

<sup>42</sup> <<http://lavajato.mpf.mp.br/perguntas-e-respostas>> Acesso em 27 jul. 2017.

<sup>43</sup> <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/11/a-origem-da-investigacao-tudo-comecou-no-posto-4648322.html>> Acesso em 27 jul. 2017



dia depois do início da sétima fase, que prendeu grandes empreiteiros. Os manifestantes carregavam cartazes com os dizeres “Sérgio Moro no STF” ou “Taca-lhe pau, Moro” e faixas pedindo a “Punição do Petrolão”. A admiração pelo juiz era demonstrada de diferentes formas. Um grupo de senhoras enfeitou a praça em frente ao prédio da Justiça Federal com laços amarelos. Moradores foram para a porta da PF com cartazes como “Sérgio Moro, Honra e Justiça”, “Sérgio Moro, o Brasil pede socorro” e “Polícia Federal, orgulho do Brasil”. Num desses dias, um antigo policial que saía para o almoço parou seu carro velho na frente dos manifestantes e chorou. “Eu trabalhei 35 anos na PF e nunca achei que um dia veria isso”, contou. (NETTO, 2016, p.176)

Pelos trabalhos realizados na Lava-Jato, Moro ganhou o status de celebridade. O jornalista Wladimir Netto descreve no livro **Lava-Jato: o juiz Sérgio Moro e os bastidores da operação que abalou o Brasil**, publicado em 2016, que o juiz foi seguido por pessoas nos corredores de um shopping em São Paulo. Uma dúzia delas gritavam frases como “esse aqui é o orgulho do Brasil” e “meus filhos te agradecem”. Acrescenta que Moro era chamado para dar entrevistas em jornais, rádios e programas de televisão, mas se negava, pretendendo dar seu depoimento sobre a Operação somente ao seu final. Além disso, caracterizava o juiz federal como um homem muito reservado:

Sérgio Moro faz parte de uma nova geração de juízes, formada depois da Constituição de 1988, que trabalha com afinco em busca de resultados. Moro chega cedo ao trabalho e mostra desconforto com a notoriedade que ganhou. Seus funcionários dizem que é um líder seguro, mas que no trato pessoal é discreto, até meio tímido. De hábitos modestos, gostava de ir para o trabalho de bicicleta e de almoçar em casa ou no “bandejão” do prédio da Justiça Federal, em meio aos servidores. Nas vezes em que sua mulher o buscava de carro, à noite, o juiz a esperava na calçada, em frente ao prédio, no final do expediente. Antes da Lava-Jato, quase ninguém notava a presença dele. (NETTO, 2016, p.41)

Em 2016, ganhou o prêmio personalidade do ano pelo jornal O Globo e pela revista *Veja*. No mesmo ano, a revista *Fortune*, dos EUA, o considerou o 13º líder mais influente do mundo. A revista *Time* o colocou entre as cem pessoas mais influentes do planeta, o único brasileiro. O jornalista Bryan Walsh escreveu:

Os brasileiros o chamam de Super Moro, entoando seu nome pelas ruas do Rio como se ele fosse um astro do futebol. [...] Moro vem sendo acusado de ignorar o devido processo legal, [...] mas muitos creem que suas táticas à base de cotoveladas valem a pena em troca de um país mais limpo (WALSH apud<sup>44</sup> COSTA, 2016)

---

<sup>44</sup> WALSH, Bryan. **Sérgio Moro**. 2016. Disponível em: <<http://time.com/collection-post/4302096/Sérgio-moro-2016-time-100/>> Acesso em 18 jan. 2017.

Diante de todas essas demonstrações, Moro é representado como uma pessoa consciente de seu dever como juiz federal de uma Operação importante para o futuro do país.

Como juiz, em relação ao caso pendente, eu não posso fazer promessas que vou julgar de determinada maneira ou vou chegar a determinado resultado. O que posso prometer, esse é o dever do juiz, é que vou fazer o melhor de mim para julgar o caso segundo a lei, segundo as provas que forem apresentadas, respeitando o direito dos acusados e também considerando – acho que isso é importante, esta noite até nos dá uma lição sobre isso – os direitos da vítima e da sociedade para a boa resolução do caso. O objetivo é sempre o império da lei, a aplicação da Justiça de maneira imparcial, de maneira igual, na forma da lei, julgando segundo as provas do processo. Não é decorrência do prêmio, é o compromisso de todo juiz (MORO apud NETTO, 2016, p.178-179).

### 3.2.2 A mídia

De maneira geral, os meios de comunicação conservadores – mais voltada à hierarquização, privatizações, meritocracia – retratam Sérgio Moro como o ideal de brasileiro, exemplo de funcionário público, incorruptível e, dessa forma, seria a pessoa perfeita para acabar com a corrupção. Como na reportagem da revista *IstoÉ*<sup>45</sup>, que descreveu o juiz como um homem simples, que não aceita os privilégios do cargo:

Não dá entrevista, nem posa para fotos. Dispensa privilégios. Vai para o trabalho todos os dias a bordo de um velho Fiat Idea 2005, prata, bastante sujo e repleto de livros jurídicos empilhados no banco de trás. Antes, chegou a ir de bicicleta. “Quando eu chego aos lugares, ninguém imagina que é o Sérgio Moro”, conta, sorrindo. Apesar de ter se tornado o inimigo número 1 de poderosos, prefere andar sem guarda-costas. Quem sempre reclama é a esposa, a advogada Rosângela Wolff de Quadros Moro, procuradora jurídica da Federação Nacional das Apaes, instituição dedicada à inclusão social de pessoas com deficiência. A “sra. Moro” teme pela segurança do marido, e dela mesma, afinal o magistrado se mostrou implacável com a corrupção ao encurralar integrantes do governo do PT e levar, numa ação inédita, executivos das maiores empreiteiras do País à cadeia (SEQUEIRA, 2014).

Nota-se, na matéria da *IstoÉ*, a ênfase dada à culpabilidade dos “integrantes do governo do PT”, sem referências a políticos de outros partidos. No entanto, o juiz também erra, como quando vazou os áudios do ex-presidente Lula. Buscando apoio popular e um aliado para manter seu governo, a presidente Dilma Rousseff convidou Lula para ser o novo ministro-chefe da Casa Civil. Algumas horas após o anúncio oficial, o juiz Sérgio Moro divulgou o grampo de uma ligação entre os dois. Na

<sup>45</sup> <[http://istoe.com.br/397390\\_SÉRGIO+MORO/](http://istoe.com.br/397390_SÉRGIO+MORO/)> Acesso em 31 jul. 2017.

conversa, Dilma informava que iria encaminhar um documento a Lula para que ele usasse caso fosse necessário. Moro questionou o diálogo e concluiu que o ex-presidente possuía a informação de que estaria sendo investigado e usaria o novo cargo para obter foro privilegiado.

[...] pelo teor dos diálogos degravados, constata-se que o ex-Presidente já sabia ou pelo menos desconfiava de que estaria sendo interceptado pela Polícia Federal, comprometendo a espontaneidade e a credibilidade de diversos dos diálogos (MORO apud<sup>46</sup> CASTRO; NUNES; NETTO, 2016)

A defesa da ex-presidente Dilma afirmou que a divulgação era uma violação da lei, da Constituição Federal e dos direitos e garantias da Presidência da República. De acordo com nota divulgada<sup>47</sup>, o documento era o termo de posse de Lula que estava com problemas para comparecer à cerimônia. Mesmo que o ato tenha sido questionável, em pouco tempo as ruas do país estavam tomadas de manifestantes que apoiavam a atitude de Sérgio Moro. Embora o juiz tenha se desculpado somente após o ministro do STF Teori Zavascki<sup>48</sup> solicitar esclarecimentos sobre a atitude, o jornalista do G1 Hélio Gurovitz citou o caso para caracterizá-lo como um homem íntegro e coerente, capaz de pedir desculpas quando percebe que errou.

Em ofício enviado ontem ao ministro Teori Zavascki, do Supremo Tribunal Federal (STF), o juiz Sérgio Moro reconhece que pode ter cometido um erro jurídico ao levantar o sigilo sobre as escutas das conversas telefônicas envolvendo o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, obtidas nas investigações da Operação Lava-Jato. E faz aquilo que seres humanos normais, dotados de consciência, fazem quando cometem erros: pede desculpas (GUROVITZ, 2016)<sup>49</sup>.

Gurovitz, editor da revista *Época*, disse que Moro “pode ter cometido um erro jurídico” ao vazar para a imprensa áudios de uma investigação sigilosa. Na mesma matéria, também mencionou o deputado Eduardo Cunha, preso por corrupção, com o objetivo de compará-lo a Lula e Dilma Rousseff, que ainda respondiam por julgamento na época. Além disso, construiu sua ideia considerando que Lula deveria

---

<sup>46</sup> Moro, Sérgio. **Pedido de quebra de sigilo de dados e/ou telefônico nº 5006205-98.2016.4.04.7000/PR**. 2016. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/dl/decisao-levantamento-sigilo.pdf>> Acesso em 18 jan. 2018.

<sup>47</sup> <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/moro-divulga-grampo-de-lula-e-dilma-planalto-fala-em-constituicao-violada.html>> Acesso em 10 out. 2017.

<sup>48</sup> Teori Albino Zavascki, formado em Direito, foi ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e do Supremo Tribunal Federal (STF). Foi também o ministro relator da Operação Lava-Jato. Falecido em janeiro de 2017 em um acidente aéreo em Paraty. Relatos do Zavascki a respeito de ameaças sofridas levantam a suspeita de que o avião foi sabotado.

<sup>49</sup> <<http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/post/desculpas-de-Sergio-moro.html>> Acesso em 01 ago. 2017.

ter agido diferente diante da acusação que recebeu, fazendo uma avaliação moral sem fundamento jurídico. Poderia pedir desculpas por seus erros, mesmo que essas falhas ainda não estivessem comprovadas. E, por fim, afirmou que o país enfrentava a maior recessão de todos os tempos, sem explicar o critério que o levava a considerar o período como tão grave.

Imaginem se Eduardo Cunha pedisse desculpas e renunciasse à Presidência da Câmara, para pagar o preço de suas mentiras, em vez de levar todos nós ao dicionário em busca da palavra “usufrutuário”? Imaginem se Lula, em vez de incitar a militância petista à revolta, pedisse desculpas pelo tom grotesco dos diálogos ou por conspirar para tentar se livrar da Justiça? Se Dilma reconhecesse seus erros na política econômica que lançaram o país na maior recessão de todos os tempos? (GUROVITZ, 2016).

O jornal *El País*<sup>50</sup> descreveu o fato de outra forma, incluindo a opinião do ministro Teori Zavascki sobre a decisão de Moro:

“O que se infirma é a divulgação pública das conversas interceptadas da forma como ocorreu, imediata, sem levar em consideração que a prova sequer fora apropriada à sua única finalidade constitucional legítima, muito menos submetida a um contraditório mínimo”, criticou Zavascki. “Não há como conceber, portanto, a divulgação pública das conversações do modo como se operou, especialmente daquelas que sequer têm relação com o objeto da investigação criminal. (ALESSI, 2016).

O site Conjur<sup>51</sup>, voltado à publicação de assuntos relacionados ao direito e a justiça, também fez uma matéria sobre o assunto. Nela vários especialistas na área criticaram o vazamento dos áudios. Entre os consultados, o professor de processo penal da USP Gustavo Badaró:

[...] se um dos participantes da conversa tem prerrogativa de foro por função, caberia à primeira instância mandar as provas para a corte indicada. No caso, a presidente Dilma só pode ser processada e julgada (em casos de crimes comuns) pelo Supremo Tribunal Federal, conforme manda o artigo 102, inciso I, alínea “b”, da Constituição Federal.

Ou seja, a única decisão que Moro poderia tomar a respeito da gravação seria enviá-la ao Supremo, para que lá fosse decidido o que fazer com essas provas: abrir inquérito, abrir ação penal, arquivar, devolver, etc. De acordo com a explicação do professor de Processo Penal da USP Gustavo Badaró, agora que Moro abriu o sigilo sem questionar o Supremo, se houver qualquer indício de crime cometido pela presidente nas conversas, as gravações não poderão ser usadas (CANÁRIO; DE VASCONCELLOS, 2016).

---

<sup>50</sup> <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/30/politica/1459296826\\_155962.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/30/politica/1459296826_155962.html)> Acesso em 01 ago. 2017.

<sup>51</sup> <<http://www.conjur.com.br/2016-mar-16/moro-divulgou-grampos-ilegais-autoridades-prerrogativa-foro>> Acesso em 01 ago. 2017.

Muitas vezes, para desacreditar quem não concorda com as atitudes do juiz, o argumento usado pela mídia de direita é a visão política dos opositores:

Além de convites para solenidades, também aumentaram os cuidados com a segurança por causa da revolta de setores ligados ao governo federal após a divulgação de grampos com revelações de conversas do ex-presidente Lula, em especial, com Dilma. Assessores têm ordens expressas para não divulgar informações sobre a rotina de trabalho de Moro. (COSTA, 2016).

Dessa forma, a dualidade identificada nas matérias dos grandes veículos deve reverberar nas opiniões dos leitores.

### **3.3 Lula**

As histórias de heróis geralmente são construídas pela oposição ao grande vilão, que incorpora o arquétipo da Sombra. “Costuma-se dizer que uma história é tão boa quanto seu vilão, porque um inimigo forte obriga o herói a crescer no desafio” (VOGLER, 2006, [ebook]). Portanto, além do contexto e do herói, é importante analisarmos aquele que é visto como a contrapartida de Sérgio Moro.

#### **3.3.1 Biografia**

Nascido em Caetés, Pernambuco, em 1945, Luís Inácio da Silva é o sétimo de uma família de oito filhos. Até os sete anos, foi criado por sua mãe, Eurídice Ferreira de Melo, pois seu pai, Aristides Inácio da Silva, havia saído de casa para trabalhar como estivador em Santos, onde constituiu outra família. Por falta de oportunidades, sua mãe decidiu ir para Santos e, depois, mudou-se para São Paulo.

Durante sua infância, Lula foi alfabetizado e começou a trabalhar vendendo laranjas no cais, caçando caranguejos no mangue e depois como engraxate e auxiliar de escritório. Em 1961, fez curso de torneiro mecânico e começou a trabalhar em uma siderúrgica produzindo parafusos. Mais tarde foi admitido nas Indústrias Villares, uma empresa metalúrgica localizada no ABC Paulista.

Em 1968, filiou-se ao Sindicato de Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Durante as décadas de 1970 e 1980, no auge da ditadura militar, foi preso e cassado como dirigente sindical, por liderar as greves do setor metalúrgico. Ainda

nos anos 1980, em conjunto com sindicalistas, representantes de movimentos sociais e intelectuais, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores (PT), do qual foi presidente de 1980 a 1994 e no momento de produção desta pesquisa era presidente de honra do partido. Lula iniciou na política entre 1987 e 1991. Foi deputado federal por São Paulo. Logo após, tentou sua primeira candidatura a presidente da República, no entanto perdeu para Fernando Collor de Melo. Ainda concorreria mais três vezes, perdendo duas vezes para Fernando Henrique Cardoso, até finalmente ser eleito, em 2002.

O governo de Lula foi caracterizado pela estabilidade econômica e uma balança comercial superavitária. “Entre 2003 e 2008, a taxa média de expansão do PIB foi de 4,2% a.a, praticamente o dobro da observada no período imediatamente anterior”, destaca Curado<sup>52</sup> (2011, p. 92). Também foi responsável por iniciar ou ampliar vários projetos de inclusão social, como o *Prouni* (acesso de jovens de baixa renda à educação superior) e o *Minha Casa, Minha Vida* (concede financiamentos de moradias para famílias de baixa renda). Contudo, o grande destaque de seu primeiro mandato foi o programa *Fome Zero*, que pretendia erradicar a fome e a miséria no país, combatendo as suas causas estruturais, através de um conjunto de programas, como o *Bolsa Família* (criado a partir da fusão de programas de transferência de renda já existentes) que concede uma renda mensal a famílias de baixa renda. Conhecido mundialmente, o *Fome Zero* ainda serve como exemplo para implantação de políticas públicas em outros países, como aponta matéria da ONU<sup>53</sup> que cita a influência do Programa no Paquistão. Em pesquisa realizada pelo Datafolha, no dia 13 de dezembro de 2006<sup>54</sup>, o primeiro mandato de Lula se encerrava com 52% dos brasileiros avaliando-o como ótimo/bom, o índice mais alto entre os quatro presidentes após a redemocratização. A grande popularidade lhe garantiu a reeleição em 2006.

Durante o seu segundo mandato, Lula precisou combater a crise mundial financeira de 2008. Conseguiu evitar o desemprego através de incentivos à atividade econômica, como a expansão do crédito aos setores automotivo e de construção

<sup>52</sup> <<http://www.economiaetecnologia.ufpr.br/revista/Especial%20Capa/Marcelo%20Curado.pdf>> Acesso em 01 ago. 2017.

<sup>53</sup> <<https://nacoesunidas.org/onu-experiencia-brasileira-de-combate-a-fome-serve-de-exemplo-para-programa-fome-zero-do-paquista/>> Acesso em 01 ago. 2017.

<sup>54</sup> <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1390663-5601,00-DATAFOLHA+APONTA+LULA+COMO+MELHOR+PRESIDENTE+DO+BRASIL.html>> Acesso em 01 ago. 2017

civil. Nos anos seguintes, com a inflação e o desemprego em níveis baixos, acompanhados de bons níveis de crescimento, o Brasil resistiu bem à crise financeira, como explica Paulo de Almeida (2009) em artigo<sup>55</sup> publicado no site Instituto Millenium.

Apesar disso, seu governo enfrentou graves crises políticas. Uma delas foi iniciada com as denúncias do ex-deputado do PTB Roberto Jefferson, envolvido em esquema de propina na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. As denúncias ocasionaram a queda de alguns ministros, como José Dirceu e Benedita da Silva, e a cassação de deputados. Em 2008, o uso irresponsável de cartões de crédito corporativos também causou a demissão de alguns ministros. Porém, o escândalo de compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional, conhecido como Mensalão<sup>56</sup>, é o mais conhecido de todos. O esquema envolveu vários políticos de diferentes partidos, como José Janene (PP-PR), José Borba (PMDB-PR) e Sandro Mabel (PL-GO). Contudo, a mídia parece até hoje relacionar o caso exclusivamente com o ex-presidente e o PT.

Por conta desses casos, o Partido dos Trabalhadores virou o alvo de todos os crimes que envolvam corrupção e lavagem de dinheiro no Brasil, mostrando uma decisão editorial dos grandes veículos de comunicação de direita em focar a investigação da corrupção nesse partido. Lula, o líder do PT e principal ícone da esquerda no país, é visto pelos veículos jornalísticos como o contraponto das operações julgadas pelo juiz Sérgio Moro que pretendem limpar o país da corrupção.

---

<sup>55</sup> <<https://www.institutomillenium.org.br/artigos/a-crise-economica-internacional-e-seu-impacto-no-brasil/>> Acesso em 01 ago. 2017.

<sup>56</sup> <<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/entenda-o-escandalo-do-mensalao-20101007.html>> Acesso em 01 ago. 2017.

## 4 O HERÓI MORO

### 4.1 Metodologia

É através da linguagem que o mundo é descrito e concebido, afinal é ela que faz a mediação entre o homem e os acontecimentos. O discurso é responsável por manter ou transformar o ser humano e a realidade em que ele vive. “Conseqüentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 17). A Análise de Discurso (AD) analisa a palavra, unidade primordial de qualquer texto, buscando os sentidos presentes em cada discurso para entender quem é o sujeito que fala e quais as suas intenções. Como destaca Orlandi (2009, p. 16/17), “a ideologia se constrói através do discurso e o discurso, da língua. Pêcheux afirma que não há um discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Portanto, não há discurso sem ideologia”.

Como descrito anteriormente, é confiado ao jornalismo a função de narrar e explicar os fatos do cotidiano. No entanto, é importante lembrar que, assim como influencia, ele também é influenciado pela sociedade da qual faz parte. Valendo-se de tipificações compartilhadas pelo inconsciente e pelo consciente coletivo, o jornalismo trabalha reforçando ou apagando estes significados e “contribuindo para o estabelecimento de ‘consensos’ a respeito de valores e atitudes” (BENETTI, 2007, p. 110). Assim, o discurso jornalístico não depende apenas de quem fala (o jornalista), mas também de quem o interpreta (o leitor). “Os sentidos não estão presos ao texto nem emanam do sujeito que lê, ao contrário eles resultam de um processo de inter-ação texto/leitor” (MARIANI<sup>57</sup> apud BENETTI, 2007, p. 109).

De acordo com Benetti (2016, p. 247), para analisar os sentidos de um texto é necessário enxergar a existência de duas camadas: a camada discursiva, superficial, e a camada ideológica, implícita. A Análise de Discurso serve como um eficiente método de pesquisa em jornalismo para entender a camada ideológica que geralmente fica oculta. Ao iniciarmos uma análise discursiva é necessário partirmos do texto, buscando por regiões de sentido, chamadas *formações discursivas* (FD).

---

<sup>57</sup> MARIANI, Bethania. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.



Devido à grande complexidade da realidade, o jornalista pode escolher várias formas, ou enquadramentos, para um mesmo acontecimento. Contudo, ao indicar uma forma, acaba apagando todas as demais e isto influencia a interpretação do leitor (HAGEN, 2004, p. 42). Assim, ao destacar as formações discursivas, o analista delimita os enquadramentos utilizados pelo autor do texto.

É de Pêcheux (2014, p. 146, grifo do autor) o conceito de formação discursiva. Para ele, uma FD é aquilo que, “numa formação ideológica dada, [...] determina o que pode e deve ser dito”. Ou, como reformula Benetti (2016, p. 240, grifos da autora):

Grosso modo, uma formação discursiva é uma região razoavelmente delimitada de sentidos que correspondem a uma determinada perspectiva ou ideologia (formação ideológica), e o sujeito se posiciona em um lugar para enunciar já inscrevendo os sentidos naquela formação discursiva. A delimitação de uma formação discursiva se dá na relação com outras formações discursivas, em um movimento de tensionamento, complementação ou distinção.

A formação discursiva é fundamental para a Análise de Discurso porque é assim que compreendemos como os sentidos se constroem, e a recorrência ou apagamento dos sentidos denotam a força ideológica de um discurso. A repetição, que reforça o sentido, é chamada *paráfrase*.

Os processos parafrásicos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. (ORLANDI, 2009, p.36)

Contudo, para criar o sentimento de que uma ideia é inovadora, o discurso necessita de um apagamento de conceitos já estabelecidos, um esquecimento do que foi dito anteriormente e levou ao “novo” raciocínio: a polissemia. Sem este processo de ruptura não haveria transformação. Como explica Orlandi (2009, p. 37), “A ideologia é um ritual com falhas em que o sujeito, ao significar, se significa. Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados”.



Orlandi (2009, p. 38) resume da seguinte forma:

A paráfrase é a matriz do sentido porque não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo. Enquanto a polissemia é a fonte da linguagem, pois, se os sentidos não fossem múltiplos, ou seja, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer.

Vale trazer ainda o conceito de sequência discursiva (SD), que é um recurso operacional da AD para realizar a análise. Basicamente, SD é o recorte arbitrário de um trecho do texto, feito pelo analista a partir da questão que norteia a pesquisa. Neste caso, as SDs são os trechos das reportagens que permitem mostrar como a revista constrói a imagem do juiz como um herói. Essas SDs são numeradas e depois são reunidas para mostrar a constituição das formações discursivas ou núcleos de sentido.

Com base nesses conceitos da Análise do Discurso, construí o corpus desta pesquisa, composto por 29 textos presentes em oito edições da revista Veja (conforme a tabela abaixo). Como critério de seleção do material, escolhi as capas publicadas entre 2014 (início da Lava-Jato) e 2017 que citam o juiz Sérgio Moro e as respectivas reportagens dessas edições. Apresento abaixo um quadro com todas as capas e, a seguir, uma tabela com a listagem dos textos analisados.

**Tabela 2 – Capas das edições analisadas**

<b>Revistas Analisadas</b>	
	
<p>Edição: 2398 Data: 05/11/2014</p> <p><b>Operação Mãos Sujas</b> Os acusados do maior caso de corrupção da história brasileira manobram para tirar de cena o juiz responsável pelo processo.</p>	<p>Edição: 2411 Data: 04/02/2015</p> <p><b>Reação em Cadeia</b> Executivos presos revoltados com os políticos soltos. Empreiteiros ameaçando Lula e Dilma. São todos contra todos na fase decisiva da Operação Lava-Jato</p>



Edição: 2424

Data: 06/05/2015

### O juiz Moro vê mais longe

Por que a soltura, pelo STF, dos empreiteiros presos na Lava-Jato não representa o fim da esperança dos brasileiros de que corruptos vão para a cadeia



Edição: 2458

Data: 30/12/2015

### Ele salvou o ano!

Veja pesquisou 300 sentenças que Sérgio Moro lavrou nos últimos quinze anos e descobriu as raízes da determinação e eficiência do juiz que deu ao Brasil a primeira esperança real de vencer a corrupção



Edição: 2480

Data: 01/06/2016

### O complô para calar a Lava-Jato

Como os líderes do PMDB conspiram para travar as investigações



Edição: 2502

Data: 02/11/2016

### A delação do fim do mundo

As revelações da Odebrecht sobre corrupção já somam 300 anexos e deixam os políticos em estado de pânico  
Sérgio Moro: "Espero que o Brasil sobreviva"

 <p>Edição: 2505 Data: 23/11/2016</p> <p><b>Sérgio Moro, sobre a corrupção no Rio: “Uma versão criminosa de governantes ricos e governados pobres”</b></p>	 <p>Edição: 2529 Data: 10/05/2017</p> <p><b>O primeiro encontro cara a cara: Moro X Lula</b> Por que a libertação de José Dirceu só fortalece a Lava-Jato / Renato Duque diz que Lula o orientou a fechar conta na Suíça</p>
---	--

Fonte: Revista *Veja*

**Tabela 3 – Relação dos textos analisados**

Data da Edição	Nº do Texto	Título
05/11/2014	T1	Operação Mãos Sujas (capa)
	T2	Agora, querem destruir o juiz
	T3	Poder supremo (imagem de Moro)
04/02/2015	T4	Todos contra todos
	T5	O amigo do amigo do amigão
	T6	Na conta do Lula
	T7	Até agora, ele ganhou quase tudo
06/05/2015	T8	O juiz Moro vê mais longe (capa)
	T9	Sérgio Moro
	T10	O juiz e o juízo final
	T11	Balança o tripé de Moro
	T12	Populares cá
23/12/2015	T13	Ele salvou o ano! (capa)
	T14	A cabeça de Moro

	<b>T15</b>	Retrospectiva 2015
<b>26/05/2016</b>	<b>T16</b>	O complô para calar a Lava-Jato (capa)
	<b>T17</b>	A hora do pânico
	<b>T18</b>	A hora do enigma
	<b>T19</b>	Decanato da corrupção
	<b>T20</b>	Ideias para o Brasil pós-crise
<b>02/11/2016</b>	<b>T21</b>	A grande delação
	<b>T22</b>	“Pela extensão da colaboração, haverá uma turbulência grande. Espero que o Brasil sobreviva.” Sérgio Moro (imagem de Moro imponente)
	<b>T23</b>	Linha de sucessão (imagem de Lula cabisbaixo)
<b>23/11/2016</b>	<b>T24</b>	A festa acabou
<b>10/05/2017</b>	<b>T25</b>	O primeiro encontro cara a cara: Moro X Lula (capa)
	<b>T26</b>	Moro X Lula
	<b>T27</b>	Duque diz que Lula mandou fechar a conta
	<b>T28</b>	O paradoxo (gráfico)
	<b>T29</b>	Ele não rirá por último

Fonte: Própria

A seguir, apresentarei as formações discursivas que conformam a imagem do juiz Sérgio Moro como um herói no discurso da revista *Veja*, descreverei os principais conceitos por mim identificados ao longo da análise. As FDs estão divididas em três subcapítulos. Na primeira, o Messias, o discurso da revista trata Moro como uma divindade capaz de feitos extraordinários, como salvar a democracia brasileira e acabar com a corrupção no país.

Na segunda formação discursiva, o Justiceiro, o juiz Sérgio Moro recebe características mais mundanas e representa a força e a coragem que o discurso de *Veja* considera importantes para que a investigação atinja seu objetivo de acabar com a impunidade e culpar políticos e empresários corruptos. Através dessas características, Moro é representado como o grande responsável pelas prisões ocorridas nas investigações, imprescindível para que a Operação avance.

Por fim, a última formação discursiva, a Sombra, está relacionada a quem Veja personifica como o principal vilão da Operação Lava-Jato, Luís Inácio Lula da Silva, que representa a oposição aos feitos de Moro.

As sequências discursivas utilizadas são ilustrativas dos sentidos, não sendo as únicas encontradas durante a análise. Ao final de cada trecho, indico a qual texto pertence (T1, T2 etc.) e o número da SD. Também resalto em negrito o que considero dar mais força àquele sentido.

## 4.2 Análise do objeto

A cobertura que a revista *Veja* realiza da Operação Lava-Jato denota uma grande confiança de que as investigações salvarão o Brasil da impunidade. Independentemente de quem sejam os criminosos, a revista cria o sentido de que todos serão julgados e presos. Ainda que não sejam recorrentes, é possível encontrar trechos caracterizados por hipérboles que demonstram de forma bem clara a intenção de *identificar a Lava-Jato como a força motriz que transformará o país, levando a um futuro sem corrupção, justo e transparente*. As sequências discursivas a seguir demonstram esse objetivo:

Um processo investigativo e punitivo como a Operação Lava-Jato tem sua importância definida pelo poder dos interesses que contraria, **Moro comanda hoje o maior navio a singrar os mares da Justiça brasileira. Isso não ocorre sem provocar reações.** [T2, SD11]

VEJA descobriu que advogados, empreiteiras e políticos citados na Operação Lava-Jato se dedicam atualmente a divisar um plano para torpedear o **transatlântico jurídico capitaneado por Moro.** [T2, SD12]

Antes de virar a **avalanche que promete engolfar alguns dos nomes mais poderosos da República.** [T7, SD94]

[...] **a delação do fim do mundo – uma bomba que, já se sabe, espalhará estilhaços que atingirão partidos, parlamentares e as maiores lideranças políticas do país.** [T21, SD95]

### 4.2.1 O Messias

Segundo do discurso da revista *Veja*, o Brasil vive um momento caótico. Um dos motivos é a instabilidade do Poder Executivo. Isso ocorre por conta dos inúmeros escândalos de corrupção noticiados na mídia. Diante desse contexto

desordenado, é necessário o surgimento de algo *novo*, capaz de dar *esperança para a população*. Alguém apto a conduzir o povo para uma nova condição, como *um messias* que conduz seu povo do deserto para a terra prometida. Portanto, este herói deve possuir algumas características que personifiquem a ideia do novo mundo, que surgirá após sua missão ser concluída. O escolhido para essa *insólita missão* é o juiz paranaense Sérgio Moro. Ele é descrito como um *homem de gostos simples, exemplar e que gosta de desafios*. Representa uma nova visão, *distante das extravagâncias e ostentações dos políticos e empresários que deve enfrentar*. É dessa forma que a revista *Veja* representa Moro. As sequências discursivas abaixo retratam estes sentidos:

Em 12 de junho de 2003, Moro assumiu a primeira vara especializada em crimes contra o sistema financeiro e lavagem de dinheiro, em Curitiba. **Pela escassa promessa de projeção e farta carga de trabalho, o novo cargo era desprezado por quase todos.** [T15, SD35]

Com a notoriedade, Moro **teve de abandonar o hábito de ir para o trabalho de bicicleta**. Está um pouco mais gordo e, apesar da **timidez pétrea**, um pouco mais desinibido. [T15, SD99]

Moro é um dos maiores especialistas do país na área de lavagem de dinheiro, **obstinado no trabalho e discreto a ponto de a maioria de seus colegas desconhecer detalhes de sua vida pessoal**, como a profissão da esposa (advogada) e a quantidade de filhos (dois). [T2, SD6]

Diferentemente do funcionário público geralmente descrito pelo jornalismo – como alguém preguiçoso e desleixado –, Moro representa *um novo tipo de servidor público*. Um profissional *talentoso, esforçado e inteligente*. Suas teses são tão consistentes, que os seus superiores muitas vezes as citam. É também preocupado em ser claro o bastante para que qualquer um entenda suas decisões, algo que não parece ser usual no âmbito jurídico. Com uma *formação acadêmica sólida*, também é descrito como alguém *preocupado com as questões sociais*:

**Com sólida formação acadêmica, coroada com um período de estudos na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos**, Moro também atuou como auxiliar da ministra do STF Rosa Weber no processo do mensalão. Com frequência, suas teses eram citadas por colegas dela nos debates em plenário. [T2, SD8]

Além de **talento**, há outra qualidade que não falta a Moro: **coerência**. [T11, SD105]

Moro é considerado **por seus pares** um dos **maiores especialistas do país em lavagem de dinheiro**. [T7, SD113]

**Escreve as sentenças com ordem e clareza, de modo que os condenados possam lê-las e entendê-las.** Não usa palavras como “interpretação teleológica” ou “hermenêutica jurídica” e **quase nunca emprega expressões em latim, cujo uso abusivo é tão corriqueiro no juridiquês nacional.** [T15, SD108]

Moro é um juiz **atento à corrupção, à ética na vida pública, à qualidade dos homens públicos** brasileiros. [T15, SD112]

Ao contar a história de Sérgio Moro, a revista produz o sentido de que, desde muito cedo, ele já possuía características que o indicavam como alguém *especial*, destinado a fazer coisas grandes. Seu comprometimento, perceptível ainda na juventude, o fazia ser conhecido pela fama de “*geniozinho*”. Os problemas que Moro enfrentou durante a vida foram uma iniciação para o grande desafio: a Lava-Jato.

**Moro é considerado um juiz de alta competência. Já era assim quando cursou direito** na Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, **onde ganhou fama de “geniozinho”.** Continuou desse jeito no seu estágio no escritório do tributarista Irivaldo Joaquim de Souza, que tem meio século de experiência e só elogios para Moro: “**Era um estagiário brilhante**”. E seguiu dessa forma quando prestou o rigoroso concurso para juiz federal em 1996, no qual tirou um **honroso segundo lugar. Sua competência será posta à prova, mais uma vez, para manter a Lava-Jato de pé.** [T11, SD25]

Um roteirista de filme diria que **o destino preparou o juiz Sérgio Moro para o seu presente desafio** – a Operação Lava-Jato. [T2, SD9]

As características descritas anteriormente transformam Sérgio Moro em um ser especial, um *salvador*, que serve tanto como um *exemplo de moralidade*, quanto um messias: um ser ungido ou santificado, responsável por conduzir uma legião de seguidores. No entanto, precisa saber lidar também com os descrentes:

**Outra modalidade do ativismo de Moro é pregar para não convertidos.** Em agosto, **ele fez palestra no Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, o IBCCrim, entidade que condena fortemente os métodos de Moro.** O juiz falou, **colheu uns bons aplausos** e ainda rendeu uma piada de aliados: “Eles são do IBCCrim, o Moro é do IBCCrau”. [T15, SD39]

Os ungidos são *idealistas*, anseiam mundos melhores. E a representação de Moro na revista *Veja* não é diferente. O juiz é descrito como uma pessoa *misericordiosa* – qualidade comum a vários ícones religiosos –, que se *preocupa com as populações em maior grau de vulnerabilidade*, como os *idosos* e as *pessoas carentes*. Também seria *misericordioso com os empresários que não são corruptos*.



Dessa forma, Sérgio Moro seria o lado correto, *o contraponto ao ex-presidente*, que é considerado pela *Veja* o grande vilão dessa narrativa. As sequências discursivas a seguir demonstram esses sentidos:

Nesses anos iniciais, tomou decisões claramente motivadas por sua preocupação em oferecer alguma **proteção aos mais vulneráveis**. Na vara previdenciária, chegou a ser conhecido como “**o juiz dos velhinhos**”, **por sua tendência a julgar a favor deles e contra o INSS**. [T15, SD33]

**Sempre que pode converte a reclusão em prestação de serviço à comunidade**. [T15, SD107]

Em sua agenda também entraram casos de fraude do INSS e sonegação do imposto de renda. Nisso, **revelou-se um juiz sensível aos rigores do mercado, mas com limites**. Quando empresários enrolados descontavam imposto ou contribuições sociais de seus empregados e deixavam de repassar os recursos ao governo, **Moro quase sempre os absolvía se as irregularidades decorressem de dificuldades financeiras reais da empresa. Do contrário, aplicava-lhes “penas pouco acima do mínimo mas ainda distantes do máximo” e as substituía por serviços à comunidade**. [T15, SD34]

Da leitura das sentenças, que são sempre escritas pelo próprio Moro, surge um panorama que expõe a complexidade de **um juiz que procura combinar rigor e generosidade e atender às necessidades urgentes de um país que se paralisou na impunidade e permitiu que a corrupção atingisse níveis grotescos**. [T15, SD32]

As pessoas unguidas, geralmente, possuem um dever a ser cumprido para com um Deus ou uma nação. Sérgio Moro, como um messias, possui a *missão de salvar a democracia, higienizar a política brasileira, promover a justiça social e, ainda, dar a esperança de um país melhor a um povo desacreditado*. Missão que, de acordo com a *Veja*, já vem dando resultados concretos – o que o caracteriza como o *salvador da pátria*. Essas intenções são identificadas na imagem (Figura 2) e na sequência discursiva abaixo:

**Figura 2 – Moro Salvador [T13, SD28]**



Fonte: *Veja*, ed. 2458, 2015.

Veja pesquisou 300 sentenças que Sérgio Moro lavrou nos últimos quinze anos e **descobriu as raízes da determinação e eficiência do juiz que deu ao Brasil a primeira esperança real de vencer a corrupção**. [T13, SD28]

O salvador precisa parecer insubstituível. Assim, para ser identificado como uma pessoa especial, o messias precisa ser *portador de habilidades superiores às das demais pessoas*. Caso contrário, ele poderia ser substituído por qualquer um. *Veja* atribui ao juiz Sérgio Moro poderes especiais, como *ver mais longe, fazer o impossível, alcançar o inalcançável*. E, além disso, lhe é dada a capacidade de *prever o futuro*, como alguém que é capaz de saber o que vai acontecer. Os poderes especiais e “milagres” de Moro podem ser percebidos nas seguintes sequências discursivas:

No braço de ferro com os acusados, Moro não apenas continua invicto. Com passos estudados, **vem ganhando terreno e vencendo obstáculos que antes pareciam irremovíveis**, como a lentidão da máquina da Justiça. [T7, SD18]

**O juiz Moro vê mais longe** [T8, SD19]

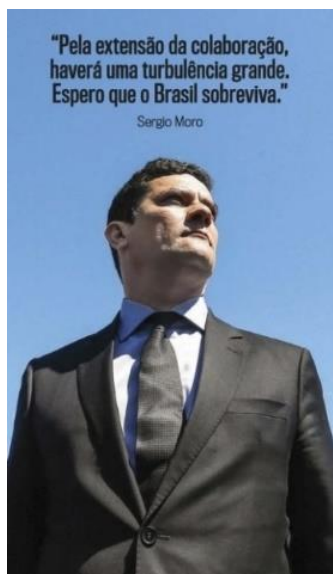
**Moro, dizem seus interlocutores mais próximos, ficou decepcionado com a decisão do STF**, embora tenha achado exemplar o voto do ministro Celso de Mello, que queria manter os nove na cadeia por entender que a prisão preventiva sustentava em “fatos impregnados de inquestionável relevo jurídico”. **Mas Moro não ficou surpreso com o revés**. [T11, SD97]

**Como previu o juiz Sérgio Moro, a turbulência deve ser realmente grande. Mas o Brasil precisa passar por isso** – até mesmo para que sirva de lição. [T21, SD62]

**Sem falar em Eduardo Cunha, que todo mundo considerou intocável até a Lava-Jato enjaulá-lo em Curitiba**. Resgatando o recado do recalcitrante prêmio Nobel Bob Dylan aos “senadores e deputados” – e juízes, e mandatários – na famosa canção: sim, senhores, **os tempos estão mudando**. [T24, SD68]

A edição nº 2502, de 02 de novembro de 2016, traz a imagem (Figura 3) de Sérgio Moro como um líder visionário. Em um céu límpido e com o sol no rosto, Moro é representado olhando para o horizonte, como alguém que enxerga mais longe e que pode guiar o povo para um lugar que só ele conhece, um futuro grandioso.

**Figura 3 – Moro Visionário [T21, SD60]**



Fonte: Veja, ed. 2502, 2016.

As características de Moro descritas na revista *Veja* – a competência aliada a seus poderes fantásticos e sobrenaturais – transformam-no em um *herói invencível*. Ninguém é capaz de vencê-lo juridicamente, assim os seus inimigos ficam sem saber o que fazer e precisam recorrer a estratégias mais baixas, como tentar diminuí-lo através de ofensas ou desacreditar o seu trabalho “impecável”. Através das sequências discursivas selecionadas, *Veja* propõe a ideia de que Sérgio Moro realizou façanhas que nenhum outro juiz conseguiu: impor medo em quem antigamente era considerado intocável.

Até agora, **ele ganhou quase tudo** [T7, SD96, Título]

**As mais poderosas bancas de advogados têm lutado com fervor e verve contra Moro. No país da impunidade, os advogados chegam a falar de “ciclo de punitivismo”.** Acusam-no de ser parcial. De fazer “pedaladas jurídicas”. De prender suspeitos para arrancar delações. De odiar os advogados, ele que é casado com uma advogada. Com ironia, um deles diz que os julgamentos de Moro têm uma base jurídica toda própria, o “Código de Processo Penal de Curitiba”. Mas, **apesar das críticas, de cada 100 recursos impetrados por advogados de acusados na Lava-Jato contra decisões de Moro, 97 têm sido derrotados. É um placar brutal.** [T15, SD38]

Através desses milagres, a revista *Veja* reforça de forma mais intensa que, mesmo que o futuro idealizado pelo herói ainda esteja distante, ele vem sendo alcançado. É possível identificar e acreditar que *o juiz está guiando o país para o*

*rumo correto*. Pode levar um tempo para que isso efetivamente aconteça, mas alguns benefícios podem ser percebidos.

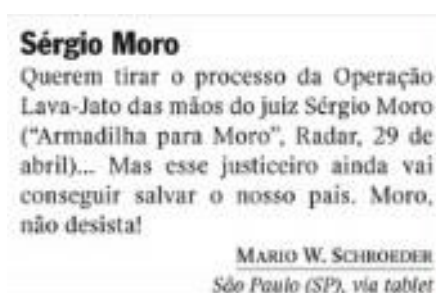
**A Lava-Jato continua irrefreável em sua marcha contra o maior esquema de corrupção já investigado no país.** [T17, SD50]

O juiz federal Sérgio Moro, que dividiu a mesa com o ministro Barroso, destacou a percepção de que **se fortaleceu no Brasil um repúdio institucional do Judiciário à corrupção sistêmica** – e cobrou que isso se reflita nas esferas pública e privada. “É necessário que o governo tenha uma postura mais propositiva. Dizer que não vai interferir é obrigação. Existem iniciativas que dependem do governo, inclusive leis que podem ser aprovadas com o seu incentivo”, disse Moro. [T20, SD114]

**Se messianismo há da parte de alguns de seus integrantes, ficou claro, ele não vai contaminar a credibilidade da força-tarefa.** E ao não se deixar levar por gritos de justiça, a Lava-Jato prova aquilo que ela própria se encarregou de lembrar ao longo desses três anos de vida: **a lei é para todos – e não há pizza que dure para sempre.** [T29, SD93]

O ser quase *divino*, construído discursivamente pela revista *Veja*, ainda é capaz de agradar a pobres e ricos e, finalmente, acabar com a impunidade e a corrupção, que são os grandes males do país. Não é difícil acreditar que há uma *legião de fãs* (ou seguidores) que *amam e admiram Sérgio Moro*. A *Veja* constantemente reafirma o arquétipo do herói através do apoio público que, de certa forma, influencia e é influenciado pelas decisões editoriais da revista. Isso pode ser identificado nas seguintes sequências discursivas, presentes nas reportagens da revista, mas também em imagens de pessoas protestando nas ruas e nos comentários (Figura 4) de leitores (ambos escolhidos pelo editor para fazer parte da revista):

**Figura 4 – Repercussão [T9, SD20, Seção do Leitor]**



Fonte: *Veja*, ed. 2424, 2015.

O apoio da opinião pública, a julgar **pelas pesquisas e pelas ruas, está garantido.** [T11, SD98]

De 11 de julho de 2013 para cá, o juiz **Sérgio Moro tornou-se uma celebridade nacional**. Não há semana em que não tenha um convite para falar em algum evento, e a inclusão de seu nome na lista de palestrantes é garantia de casa cheia. **Não há lugar público** – restaurante, aeroporto, fila de táxi – **em que ele não seja aplaudido por populares**. [T15, SD30]

Ganhou traquejo no trato com a imprensa, que sempre o cerca nos eventos públicos com flashes e perguntas, e também **se habituou ao assédio do público, que o cumula de pedidos de selfies e autógrafos**. [T15, SD31]

A revista *Veja* inclui a imagem (Figura 5) de uma passeata em que o povo manifesta a aprovação às decisões de Moro com cartazes, faixas e inclusive uma cruz (referência direta a Jesus Cristo). Na foto, também é possível notar as pessoas olhando para o alto, como se esperassem a chegada de um salvador.

**Figura 5 – Povo nas ruas apoiando Moro [ T11, SD24]**



Fonte: *Veja*, ed. 2424, 2015.

#### **4.2.2 O Justiceiro**

Para combater uma situação complexa, que envolve pessoas poderosas, é necessário que o herói seja mais do que um personagem *carismático*, *competente* e *misericordioso*. A revista constrói a figura de Sérgio Moro também como um caráter forte, afinal higienizar a política e eliminar a impunidade não é tarefa simples. Assim como Fernando Collor era conhecido como o implacável caçador de marajás, o juiz paranaense também recebe uma alcunha imponente, o caçador de corruptos. Dessa

forma, Moro assume características mais humanas do que na formação discursiva anterior. A *Veja* exalta a coragem e a obstinação do herói. E, somado às qualidades de um homem de gostos simples, é difícil acreditar que seria corrompido por um sistema corrupto.

A Mãos Limpas pode ser inimitável na sua dimensão, mas não é nos seus objetivos. **E são eles que Moro persegue**, com toda a cautela. [T7, SD103]

Aos 42 anos de idade e dezoito de profissão, **é um daqueles juízes intocáveis, incorruptíveis, com uma carreira cujos feitos passados explicam seu comportamento no presente e prenunciam um futuro brilhante.** [T2, SD102]

*Veja* explica que Moro, assim como muitos heróis da mitologia, possui mestres que, através dos ensinamentos transmitidos, guiam as ações e decisões do herói. Ele seguiria uma regra máxima descrita por seus mestres: um homem deve ter princípios, não pode condenar um réu sem a comprovação de que efetivamente cometeu um crime. As sequências discursivas abaixo indicam isso:

Hand deixou uma lição imortal: **“Não é desejável condenar um réu, mesmo que seja culpado, quando, para fazê-lo, é preciso violar as regras que asseguram a liberdade de todos nós.”** [T11, SD106]

É um admirador do juiz Earl Warren, que considera “o maior presidente da Suprema Corte americana do século XX”. Ou seja: **Moro prefere os juízes que se comportam como defensores ativos dos princípios da democracia. Que agem imbuídos de uma missão.** [T15, SD40]

**Leva à risca a condição segundo a qual o conteúdo do testemunho de um delator só vale se for corroborado por prova independente.** [T15, SD109]

Em 2010, **Moro absolveu dois réus dizendo que delação premiada, sozinha, não pode condenar ninguém** [T15, SD110]

No entanto, nem sempre Moro segue as regras daqueles que diz admirar. Nesses casos, a revista é condescendente. Com a alegação de que os feitos realizados por Sérgio Moro são a solução para o país, o discurso da revista *lhe permite cometer excessos* – mesmo que eles contrariem os princípios descritos anteriormente, como prender uma pessoa por tempo indeterminado antes mesmo de seu julgamento (sob a justificativa de que ela pode atrapalhar as investigações) e, até mesmo, prender a pessoa errada. Para atingir o objetivo necessário, a revista adota uma justificativa utilitarista. É possível prejudicar uma pessoa inocente se a intenção é a de ajudar a nação:

**Mesmo antes da condenação, a prisão dos corruptos** – explica Moro – **é fundamental para marcar a “seriedade do crime”**. [T11, SD104]

**No caso mais recente, prender a cunhada de João Vaccari, ex-tesoureiro do PT, ao confundi-la com a irmã.** Depois de sete dias em cana, a cunhada do ex-tesoureiro foi libertada, mas **Moro não teve a grandeza de admitir que errou de pessoa, escapulindo pela tangente ao dizer que perdera a “certeza” de quem era quem.** Agora, **três dos cinco ministros do STF disseram que não havia justificativa para manter os nove presos, derrubando uma decisão de Moro. Juízes erram, cometem injustiça, dobram a lei. O fundamental é que sejam movidos, sempre, pelo espírito de acertar, fazer justiça e garantir as proteções da lei.** [T11, SD27]

[...] as decisões do STF, ainda que contrárias ao desejo do grosso da opinião pública, higienizam a Lava-Jato e blindam a operação contra a acusação de excessos – **e todo mundo sabe que, aqui e ali, excessos de fato aconteceram.** [T28, SD88]

[...] **as prisões preventivas foram fundamentais também para garantir um crucial apoio popular à Lava-Jato quando ela ainda engatinhava.** A prisão de figurões da política, como o ex-ministro Antonio Palocci, o ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha e o ex-governador Sérgio Cabral, aliada à de tubarões das empreiteiras, como Marcelo Odebrecht e Léo Pinheiro, **conferiu uma inteligibilidade à operação e ao seu significado: não, não é verdade que tudo acaba em pizza no Brasil.** [T28, SD89]

Ao justificar que excessos sejam cometidos e acrescentar características fortes, a *Veja* cria a imagem de *um herói implacável*. Em sua missão de construir uma sociedade sem impunidade é transformado em um verdadeiro *justiceiro*. As sequências discursivas reunidas abaixo demonstram essa intenção de mostrá-lo como um *perseguidor voraz, determinado a impor o rigor da lei* a qualquer custo:

É impossível, já diz o ditado popular, decifrar a cabeça de um juiz. Mas, **no caso de Moro, quem esperar moleza certamente vai quebrar a cara.** [T15, SD41]

Quando Moro tomou posse, havia apenas um réu definitivamente condenado por lavagem de dinheiro em todo o país. Um só. Estimava-se que empresas de fachada lavavam 10 bilhões de dólares por ano, sem ser incomodadas. Uma farra. **Moro, aparentemente um pouco mais descrente da natureza humana do que antes, faria intervenções cirúrgicas para mudar radicalmente a paisagem de impunidade.** [T15, SD36]

**A verdadeira queda de braço entre o juiz Sérgio Moro e os corruptos está apenas começando.** [T10, SD22]

Condutor da Lava-Jato, o juiz Sérgio Moro, **mesmo pressionado por todos os lados, não teve praticamente nenhuma decisão derrubada nos tribunais superiores** [T7, SD16]

Diante do poder concedido a Sérgio Moro, a revista *Veja* destaca a importância do juiz para a manutenção da Operação Lava-Jato. De acordo com as sequências discursivas selecionadas, sem seus poderes divinos e suas atuações implacáveis, a Lava-Jato não seria nada. Sem a sua permanência à frente das decisões de primeira instância, os corruptos (políticos) e corruptores (empresários) já teriam encontrado uma forma de se salvar das condenações:

**Se a roda da Justiça vem girando sem engasgos desde o início da Operação Lava-Jato, há quase um ano, isso se deve em grande parte aos movimentos cuidadosos do juiz federal Sérgio Moro**, o responsável pela condução da manivela no processo que investiga o megasquema de corrupção na Petrobras. [T7, SD17]

**Sérgio Moro é um estudioso e admirador da Operação Mãos Limpas, a gigantesca faxina contra a corrupção realizada na Itália na década de 90**, que começou investigando um bagre miúdo com 4000 dólares de propina no bolso e terminou capturando 1300 empresários e parlamentares. [T11, SD23]

Em um dos diálogos divulgados, **Renan [Calheiros, então presidente do Senado] demonstra toda a sua contrariedade com o mecanismo da delação premiada, através do qual estão caindo, um a um, os líderes da corrupção.** [T17, SD51]

A revista trata Sérgio Moro como o líder da Operação Lava-Jato. Ainda que uma operação dessa magnitude necessite da colaboração de várias instituições públicas (descritas no capítulo anterior), *Veja* concentra todas as atenções e o poder nas mãos de Sérgio Moro, como se ele fosse o único responsável pela Lava-Jato. As sequências discursivas exemplificam este sentido:

Os acusados do maior caso de corrupção da história brasileira manobram para **tirar de cena o juiz responsável pelo processo.** [T1, SD2, capa]

Os acusados no escândalo do petróleo se movimentam para impedir o avanço das investigações. O alvo principal é **Sérgio Moro, o magistrado responsável pelo processo que está desnudando o maior caso de corrupção da história.** [T2, SD3]

Quem é e o que pensa **o homem que começou a derrubar o esquema?** [T14, SD29]

**Moro** agora é quem carrega as responsabilidades que foram de Barbosa e Gurgel e também **enfrentará poderosos interesses contrariados.** [T2, SD5]



A revista *Veja* personaliza a Lava-Jato em um rosto (Figura 6), que atende a características fenotípicas e imagéticas indicadoras de um conjunto privilegiado: homem, branco, com educação de nível superior, bem vestido e bem-sucedido.

**Figura 6 – Retrato de Moro [T6, SD118]**



Fonte: *Veja*, ed. 2411, 2015.

A revista reforça, constantemente, os motivos que transformam Sérgio Moro no líder, ora messiânico, ora justiceiro: a *Operação Lava-Jato já está mudando o país*. O Brasil está punindo os corruptos e os problemas que surgem são um mal pelo qual devemos passar, pois só assim seremos merecedores desse novo conceito de país. Assim aprenderemos a ser cidadãos melhores. Esses sentidos podem ser encontrados nas sequências discursivas abaixo:

**O caso que está implodindo políticos, partidos e empresas que roubavam os cofres públicos.** [T2, SD7] N1

“O conteúdo desses anexos é avassalador”, diz um dos advogados que participaram das negociações. “Se os executivos comprovarem tudo o que dizem, **a política será definida como a.O. e d.O. – antes e depois da Odebrecht**”, afirma um procurador da força-tarefa da Lava-Jato. [T21, SD59]

[...] uma vez **percorrido o calvário da faxina financeira e ética, resultará num Brasil melhor**. O caminho não é curto, nem indolor. [T24, SD63]

**Foi uma mudança e tanto – e uma mudança que, obviamente, o país não deve e não pode perder.** [T28, SD89]

**A Lava-Jato, com muitos méritos e alguns tropeços, consolidou-se como a maior e mais importante investigação anticorrupção já feita no Brasil – o país dificilmente voltará a ser o que era antes dela.** [T29, SD92]

### 4.2.3 A Sombra

Os inimigos possuem grande importância na narrativa, pois são responsáveis por mover o herói. Afinal, sem inimigo não haveria motivo para o herói agir. Assim, é necessário analisar o conceito de sombra presente nas reportagens. Este arquétipo é muito utilizado pela revista *Veja* na construção da imagem heroica de Sérgio Moro.

No contexto da Operação Lava-Jato, a *Veja* denomina como inimigos os políticos e os empresários que considera corruptos. Ainda que muitos empresários sejam citados – ainda mais após as delações premiadas –, os grandes opositores a Sérgio Moro são os políticos. No entanto, enquanto alguns recebem uma condenação antecipada (*principalmente os envolvidos com o PT*), a outros é concedido o direito da dúvida. Eles até são citados, porém, com ressalvas. Essas intenções são evidenciadas nas seguintes sequências discursivas:

O ex-presidente **Lula recebeu favores, como a reforma do seu sítio em Atibaia, no interior paulista**. A contrapartida vinha na forma de contratos para a Odebrecht no Brasil e no exterior. [T21, SD55]

**A ex-presidente Dilma teve uma parte de suas campanhas financiada pelo caixa dois da empreiteira**, com pagamentos feitos no exterior ao marqueteiro João Santana. Marcelo Odebrecht também deve relatar um encontro que teve com a então presidente na Cidade do México, em maio de 2015, no qual a advertiu que a Lava-Jato poderia terminar mal para ambos. [T21, SD56]

O atual presidente **Michel Temer, quando ainda era vice de Dilma, participou de uma reunião com Marcelo Odebrecht** no Palácio do Jaburu, na qual pediu uma doação de 10 milhões de reais para o PMDB. [T21, SD57]

**Os tucanos Aécio Neves e Geraldo Alckmin também já foram incluídos** na relação de políticos propinados pela Odebrecht, **mas são menções vagas e que só a homologação da delação poderá confirmar – ou não**. **Alckmin teria recebido doações de campanha** como contrapartida à participação da empreiteira nas obras do Rodoanel, em São Paulo. **Os detalhes das menções a Aécio são ainda mais vagos**. Só se diz que os executivos da Odebrecht têm falado sobre o senador mineiro sem ressalvas, pois estariam magoados com sua postura de incensar a Lava-Jato. [T21, SD58]

Apesar da diferenciação realizada pela revista, em alguns momentos é preciso evidenciar que ambos *inimigos se juntam para combinar estratégias* que acabem com os planos do herói. Muito presentes nas histórias em quadrinhos, os inimigos se reúnem em covis para tramar contra o protagonista. De certa forma, também *reforçam a ideia de que os investigados são culpados*. Pois, se fossem

inocentes, provariam a verdade, em vez de procurar formas de desacreditar a imagem de Moro. Mesmo assim, as construções discursivas demonstram o *PT como o organizador da corrupção*:

[...] as mentiras e pontapés e manobras e bandalheiras gerais que cobriram Brasília de escárnio. [T15, SD115]

**Os convivas, então, decidiram articular um acordo entre os chefes dos três poderes para conter a Lava-Jato.** O plano saiu do papel com sentido de urgência. Já em 6 de julho, a presidente **Dilma Rousseff recebeu o vice Michel Temer e o presidente da Câmara, Eduardo Cunha**, no Planalto. Sob mediação de Temer, os dois desafetos notórios, Dilma e Cunha, **conversaram sobre um pacto de proteção mútua.** [T17, SD48]

**A declaração passou a ser replicada pelos petistas nas redes sociais** antes mesmo do fim do julgamento. Àquela altura, eles previam uma derrota acachapante de Moro e sua desmoralização pela corte institucional brasileira. **Era o cenário dos sonhos dos corruptos, desejosos de que o tiro no peito da Lava-Jato fosse letal ao juiz e à investigação.** Nada feito. [T10, SD21]

Essa diferenciação entre os partidos também é responsável por *reforçar as polaridades partidárias*. Ao destacar as diferenças de percepção do público sobre o juiz, a revista busca demonstrar que apenas os petistas não concordam com as ações de Moro, como se quisessem macular a imagem do juiz por atacar o PT. Indicando a ideia de que os demais, distanciados da política do PT, aprovam seu herói de forma incondicional. Essa escolha de enquadramento também corrobora para que alguns *políticos sejam mais responsabilizados por casos de corrupção do que outros*. As sequências discursivas destacadas abaixo são importantes para definir e personificar o mal que destrói o Brasil, segundo a *Veja*:

**Petistas em geral viram na decisão do fim da ditadura penal de Curitiba**, que vem atropelando o princípio da presunção de inocência. **Antipetistas em geral entenderam que a liberdade de Dirceu<sup>58</sup> é o começo do fim da operação e a lamentável reabertura do ciclo de impunidade no país.** [T28, SD86]

Eternamente **criticado por petistas e aplaudido por antipetistas, Mendes<sup>59</sup> agora é o novo herói dos mortadelas e o novo vilão dos coxinhas.** [T28, SD87]

O PT é caracterizado como o *partido que mais se beneficiou com a impunidade* e responsável pela corrupção generalizada que o país vive. A base

<sup>58</sup> José Dirceu foi deputado estadual e federal, e ministro-chefe da Casa Civil durante a presidência de Lula. Foi condenado a prisão por corrupção ativa no processo do Mensalão.

<sup>59</sup> Gilmar Mendes é ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

aliada, mesmo que formada por vários partidos, parece agir a mando do PT. Nas sequências discursivas a seguir, é possível perceber o desejo de responsabilizar o partido, ainda que a corrupção tenha iniciado antes mesmo da criação do Partido dos Trabalhadores.

Relator do processo do mensalão, o ex-ministro [do STF] **Joaquim Barbosa recebeu do PT a alcunha de traidor e foi atacado, de forma impiedosa**, antes mesmo de decretar a prisão da cúpula do partido. [T2, SD4]

Entrevista: **“O Brasil perdeu o medo do PT”** [T1, SD1, capa, Aécio Neves]

Moro começou investigando uma teia de doleiros acusados de lavagem de dinheiro, mas enveredou por **um esquema de corrupção na Petrobras armado durante os governos do PT** com o objetivo de financiar campanhas políticas e, de quebra, enriquecer bandidos do colarinho-branco. **Lula teve o mensalão. Dilma agora tem o petrolão.** [T2, SD10]

O dinheiro, segundo o delator, **foi distribuído a políticos da base aliada do governo do PT.** [T5, SD123]

Com sete mandatos de deputado federal, **Corrêa<sup>60</sup> detalha esquemas de corrupção** que remontam aos governos militares, à breve gestão de Fernando Collor, passando por Fernando Henrique Cardoso, **até chegar ao nirvana – a era petista.** [T19, SD52]

#### **4.2.3.1 Lula**

A revista *Veja* precisa denominar um personagem que represente todo o mal que o herói e a Lava-Jato devem eliminar para a construção de um país melhor. Já que *o mal é concentrado no Partido dos Trabalhadores*, a escolha é por aquele que representa a *figura máxima do partido e possui o apoio de grande parte da população: o ex-presidente Lula*. A estratégia de opor a imagem de Lula à do herói Sérgio Moro comprova essa construção discursiva. Essas intenções são demonstradas na sequência discursiva selecionada e na imagem (Figura 7) abaixo:

---

<sup>60</sup> Pedro Côrrea, ex-deputado federal e ex-presidente do PP, foi preso por corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

Figura 7 – O primeiro encontro cara-a-cara: Moro X Lula [T25, SD69, Capa]



Fonte: Veja, ed. 2529, 2017.

Lula se sentará diante do juiz Sérgio Moro nesta quarta-feira, às 14 horas, para prestar seu primeiro depoimento ao **magistrado que virou herói nacional no comando da Lava-Jato**. [T26, SD70]

Em vários momentos, o ex-presidente é descrito como o *capo*, o chefe de uma organização criminosa italiana, como Don Corleone<sup>61</sup>. Ele recebe a alcunha de *líder dos ladrões* e é considerado pela *Veja* como *o maior envolvido nos escândalos de corrupção*. Além disso, constantemente é descrito como o responsável por dar as principais ordens e tomar as decisões mais importantes. Nas sequências discursivas indicadas, Lula é identificado como um mafioso, como no filme *O Poderoso Chefão*:

O passo seguinte, mais ousado, era chegar à identidade dos chefes do esquema, **o comandante, o capo**. [T10, SD116]

Exclusivo. Nos 72 anexos da delação de Pedro Corrêa, o diálogo em que **Lula deu a ordem para montar o petrolão**. [T16, SD43, capa]

O ex-presidente **Lula**, segundo ele [Pedro Corrêa], **gerenciou pessoalmente o esquema de corrupção da Petrobras** – da indicação dos diretores corruptos da estatal à divisão do dinheiro desviado entre os políticos e os partidos. Corrêa descreve situações em que Lula tratou com os caciques do PP sobre a farra nos contratos da Diretoria de Abastecimento da Petrobras, comandada por Paulo Roberto Costa, o Paulinho. [T19, SD119]

Há um ano, **Lula foi apontado** pelo ex-senador Delcídio do Amaral como **chefe da quadrilha do petrolão**. As delações premiadas que se seguiram, algumas delas de amigos íntimos do próprio ex-presidente, vão na mesma direção. **Nos últimos doze meses, o ex-presidente já virou réu em cinco ações penais**, acusado de crimes como corrupção (dezessete vezes), lavagem de dinheiro (211 vezes), tráfico de influência (quatro vezes),

<sup>61</sup> Don Vito Corleone é um personagem fictício criado pelo escritor Mario Puzo no livro *O Poderoso Chefão*.

organização criminosa (três vezes) e obstrução da Justiça (uma vez). Se condenado em todas elas, poderá pegar pena de até 118 anos de prisão. [T28, SD82]

Em julho de 2014, quando a Operação Lava-Jato começava a mergulhar nas entranhas da corrupção, ele [Renato Duque] recebeu um telefonema em seu apartamento no Rio de Janeiro. Do outro lado da linha, **João Vaccari Neto, então tesoureiro do PT, disse: “O chefe quer falar com você”**. Vaccari providenciou as passagens aéreas para São Paulo. **Num hangar do Aeroporto de Congonhas, o ex-presidente Lula, “o chefe”, já o esperava.** [T27, SD78]

**O homem dele.** Vaccari, ex-tesoureiro do PT, era **o encarregado de gerir a propina destinada ao ex-presidente Lula.** [T27, SD77]

Além de novos personagens, Corrêa revela os métodos. **Conta como era discutida a partilha de cargos no governo do ex-presidente Lula** e, com a mesma simplicidade com que confessa ter comprado votos, narra episódios, conversas e combinações sobre pagamentos de propina dentro do Palácio do Planalto. [T19, SD53]

De acordo com *Veja*, Lula possui uma grande *preocupação com a família*, outra característica presente nos grandes mafiosos italianos do cinema. A revista questiona os bens que a família de Lula possui e indica que o dinheiro deriva das relações, da influência e dos benefícios que ele conquistou quando era presidente. Segundo *Veja*, era assim que *Lula negociava formas de beneficiar a sua família*:

[...] **onde a família do ex-presidente Lula colheu alguns milhões em parceria com a empreiteira.** [T21, SD120]

Se Pessoa [Ricardo Pessoa, dono da UTC] tem como alvos prováveis Dilma e dois ministros, Pinheiro [Léo Pinheiro, dono da OAS] **pode entregar Lula, de quem é amigo e parceiro de prosa.** Na semana passada, VEJA revelou que a OAS de Pinheiro reformou em 2011 **um sítio em Atibaia (SP) que é usado como refúgio pelo petista. A propriedade está em nome de sócios de Fábio Luís da Silva, o Lulinha.** Esse seria apenas um dos favores da empreiteira investigada no petróleo ao ex-presidente. Segundo Pinheiro, a OAS incorporou obras imobiliárias de uma cooperativa ligada ao PT, também a pedido de Lula, para que fosse concluída a construção de um **luxuoso tríplice de frente para o mar** no Guarujá, litoral paulista. O imóvel **pertence justamente à família do ex-presidente.** [T10, SD118]

Nas reportagens da *Veja*, Lula é constantemente lembrado pelas relações que possui com inúmeras pessoas poderosas, do poder público ou privado. A revista propõe *conexões entre o ex-presidente e os principais alvos das investigações da Lava-Jato*, mesmo que sejam de partidos opostos e, até mesmo, considerados rivais. Através da imagem (Figura 8) e das sequências discursivas selecionadas, *Veja* busca mostrar que Lula seria *amigo de corruptos e corruptores*:

Figura 8 – Comparsas de Lula [T5, SD15]



Fonte: Veja, ed. 2411, 2015.

**A aproximação com o PT quem fez foi o pai, Emílio<sup>62</sup>, quando Lula ainda era aspirante ao Palácio do Planalto.** Emílio tornou-se amigo de Lula – e, com a chegada do partido ao poder, a Odebrecht ampliou seus negócios com o setor público. **O PT adotou o projeto de expansão mundial da Odebrecht, irrigando-o com bilhões de reais do BNDES,** e tornou a empresa sócia da Petrobras na petroquímica Braskem. [T21, SD62]

**Os principais envolvidos no caso do petrolão têm em comum a ligação estreita com o ex-presidente.** [T6, SD15, imagem]

Menos de duas semanas depois, em 30 de junho, o presidente do Senado, Renan Calheiros, abriu as portas de sua residência oficial para os ex-presidentes Lula e José Sarney e os senadores Romero Jucá, Edison Lobão e Delcídio do Amaral. Segundo versão oficial, o grupo debateu temas

<sup>62</sup> Emílio Odebrecht engenheiro e empresário. É pai de Norberto Odebrecht, fundador do grupo Odebrecht.



como a reforma política, a recuperação da economia e a redução da tensão entre PT e PMDB. **“Foi uma conversa boa, ele definitivamente veio em missão de paz, defendeu pontos de vista com relação à reforma política”, disse Renan, o anfitrião, sobre a presença de Lula, o principal convidado.** [T17, SD 46]

**[Sérgio Cabral] Eleito governador em 2006, costurou firme aliança com o presidente Lula, que lhe rendeu generosas verbas federais.** [T24, SD66]

A *Veja* também busca mostrar que Lula é um *homem sem escrúpulos*. Assim como faz amizades, rapidamente pode traí-las, se for necessário. O ex-presidente seria *capaz de qualquer coisa* para não ser preso:

O presidente da OAS, Léo Pinheiro. **Amigo pessoal de Lula da Silva nos tempos de bonança, ele descobriu na cadeia que as amizades nascidas do poder valem pouco atrás das grades.** Na conversa com os colegas presos e os advogados da empreiteira, ele reclamou, em particular, da **indiferença de Lula**, de quem esperava um esforço maior para neutralizar os riscos da condenação e salvar os contratos de sua empresa. Léo Pinheiro reclama que **Lula lhe virou as costas.** [T4, SD14]

Além de *inescrupuloso*, Lula é descrito nas reportagens como uma pessoa *manipuladora, mentirosa e ardilosa*. Nas sequências discursivas abaixo, estão representados trechos em que o ex-presidente é considerado um *hábil articulador*, que negocia com partidos concorrentes, paga propinas e elabora estratégias para escapar da prisão:

Desde a deflagração da Lava-Jato, em março de 2014, **Dilma resistia aos apelos de Lula para que ela fizesse parte dos esforços destinados a conter as investigações.** [T17, SD49]

Um grupo foi ao Palácio do Planalto reclamar com Lula da “invasão”. **Lula, de acordo com Corrêa [ex-deputado e ex-presidente do PP Pedro Corrêa], passou uma descompostura nos deputados dizendo que eles “estavam com as burras cheias de dinheiro”** e que a diretoria era “muito grande” e tinha de “atender os outros aliados, pois o orçamento” era “muito grande” e a diretoria era “capaz de atender todo mundo”. **Os caciques pepistas se conformaram quando Lula garantiu que “a maior parte das comissões seria do PP, dono da indicação do Paulinho.”** [T19, SD54]

[...] **o ex-presidente vem planejando dar ao seu depoimento ares de *lucha libre*, aquela modalidade de disputa meio acrobática e meio circense celebrizada pelos mexicanos, em que os lutadores usam máscaras coloridas e fazem movimentos abusadamente cênicos.** [T26, SD73]

**A ideia de Lula e do PT é organizar uma potente manifestação popular com dois objetivos simultâneos e convergentes: demonstrar o tamanho do apoio popular ao ex-presidente e tentar constranger o juiz Moro – e, quem sabe, constranger também outros juizes que venham a julgá-lo.** Lula aposta nas ruas porque, no plano jurídico, sua situação é desanimadoramente precária. **Pode até ser que o ex-presidente não seja**



**culpado de tudo de que o acusam, mas é improbabilidade matemática que não seja culpado de nada.** [T26, SD74]

**Moro fez involuntariamente o jogo de Lula**, sempre tão afeito a esse tipo de show. Tanto que, às 18 horas de quarta-feira, Lula fará um discurso para a militância que estiver reunida em Curitiba. **Na ausência de explicações críveis para as acusações, o melhor mesmo é arengar as massas.** [T26, SD76]

Diante de todos os defeitos descritos, a revista *Veja* demonstra *inconformidade com a possibilidade de que Lula seja reeleito presidente em 2018* e busca encontrar explicações para sua popularidade. A resposta encontrada é que o *povo estaria disposto a abrir mão da ética* pela lembrança das aquisições sociais que recebeu em seu governo.

A revista afirma que o ex-presidente é realmente culpado, mesmo que seu julgamento não tenha sido concluído. Lula seria uma espécie de *messias do mal*, o oposto direto de Sérgio Moro:

Curiosamente, no estranho país de Duque, **Lula é um paradoxo. Enquanto sua situação jurídica se deteriora gravemente, sua condição eleitoral faz o caminho inverso – e melhora.** Em doze meses, as intenções de voto no ex-presidente saltaram de 21% para 29%. Segundo pesquisa divulgada pelo Datafolha. Lula lidera em todos os cenários de primeiro turno e também venceria quase todos os adversários no segundo turno. [T28, SD83]

O Paradoxo. **O ex-presidente Lula é acusado de cinco crimes, praticados 236 vezes, entre os quais os de corrupção passiva, lavagem de dinheiro, tráfico de influência e obstrução da Justiça. Apesar disso, se as eleições presidenciais fossem hoje, ele seria o candidato favorito**, segundo pesquisa do Instituto Datafolha. [T28, SD80, gráfico]

A tese do partido é a seguinte: a delação da empreiteira teria disseminado a ideia de que os principais políticos do país são corruptos, gente do PT, do PSDB, do PMDB. Para diferenciá-los, **o eleitor estaria desconsiderando questões éticas e levando em conta apenas a percepção das realizações positivas** – algo como o famoso “rouba mas faz”. [T28, SD84]

[...] o cientista político Rafael Cortez, da Tendências Consultoria, ressalta que **Lula se beneficia no momento de três fatores: o desgaste pluripartidário provocado pela Lava-Jato, a impopularidade do governo Michel Temer e a lembrança das conquistas econômicas e sociais registradas em seus dois mandatos.** "O ex-presidente é a personificação dos ganhos sociais que o Brasil registrou nos anos 2000. O eleitor encontra no passado uma antecipação do que Lula poderia representar". [T28, SD85]

Como observamos na análise do material empírico, a *Veja* assume o papel de construtora da realidade, visto que ela não apenas explica os acontecimentos, mas, ao identificar as qualidades do juiz Sérgio Moro e destacá-las como exemplos a

serem seguidos, dita normas e regras que normatizam a sociedade (TRAQUINA, 2009). Assim, além de servir como um “mapa cultural” (HALL et al, 1993), tornando os acontecimentos compreensíveis, o seu discurso é responsável por validar e respaldar uma ordem moral específica, função que Campbell (2007) destaca na mitologia.

Em seu discurso, a revista *Veja* se vale de formas simbólicas para criar imagens que atendam à necessidade de uma população cansada da corrupção e da impunidade. Assim como os acontecimentos que viram notícias precisam de algo fora do normal para se destacar, Moro também é representado como uma pessoa diferenciada. Ele é descrito como uma pessoa sobre-humana, preocupada com os mais pobres, justa, inteligente e disposta a se sacrificar por uma causa maior. De acordo com a revista, para que o ambiente caótico proporcionado pela corrupção seja extinto é necessário que os inimigos sejam punidos: não basta que o herói seja um salvador, ele precisa ser um caçador implacável. Assim Moro é identificado como o justiceiro, um perseguidor incansável da lei. Ambas características presentes em diversos personagens de narrativas, identificados pelo arquétipo do herói.

Para enaltecer e confirmar as atitudes de Moro, a revista constrói a imagem de um vilão que simbolize tudo aquilo que precisa ser combatido (VOGLER, 2006). Por isso, o discurso da *Veja* identifica o ex-presidente Lula como o inimigo que precisa ser vencido, representando o arquétipo da Sombra.

Através das estratégias narrativas adotadas, do enquadramento dado às notícias e da utilização da paráfrase – a repetição, o retorno ao mesmo –, a revista estabelece, para os leitores, parâmetros de interpretação sobre os acontecimentos da Operação Lava-Jato e seus principais atores. Pois, como descreve Kovach e Rosenstiel (2001), ainda que não construa a realidade sozinho, o jornalismo identifica os heróis, os vilões e os objetivos a serem alcançados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o *corpus* foi possível identificar 117 sequências discursivas e, a partir da aglutinação das qualidades atribuídas ao herói, formular dois núcleos de sentido na figura de Moro. O primeiro está ligado a características que o tornam uma pessoa especial e capaz de dar a esperança de um futuro melhor, o que nomeio como *messias*. O discurso da revista precisa demonstrar que o Moro é um exemplo de conduta que deve ser seguido: esforçado, inteligente e talentoso. Ao contrário do funcionário público preguiçoso e desleixado que geralmente habita o senso comum, o juiz sempre buscou aprimorar os seus conhecimentos. Mesmo após a formação superior, ele continuou estudando para exercer sua profissão.

Entretanto, é necessário diferenciá-lo ainda mais do cidadão comum. Pois, para cumprir sua missão heroica, é preciso possuir qualidades que provoquem medo em políticos e empresários corruptos e também atender aos anseios de uma população cansada da impunidade. Para isso, *Veja* também propõe uma formação discursiva em que Moro torna-se um *justiceiro* implacável. Nele, o juiz assume o papel de um homem disciplinado, correto e determinado a impor o rigor da lei. Tão determinado, que em alguns momentos comete deslizos, como prender uma pessoa inocente. Os jornalistas da revista, porém, entendem esses atos como erros de percurso, afinal não é possível fazer uma omelete sem quebrar alguns ovos. Este seria um mal necessário. A afirmação concede ainda mais poderes ao herói da narrativa.

Diante desses dois núcleos de sentido, Moro assume o lugar do grande líder da Operação Lava-Jato. Ele é retratado como aquele que consegue enxergar mais longe que os outros e, por isso, pode encaminhar o país para uma situação melhor. Além disso, sua competência e inteligência lhe permitem se antecipar às ações dos demais. E essas qualidades são fundamentais porque somente alguém com suas características – ora mundanas, ora extraordinárias – seria capaz de atingir o hercúleo desafio de promover a justiça social no país das desigualdades; higienizar a política brasileira, composta por ladrões; e salvar a instável democracia do país.

Ao construir este ser idealizado, *Veja* busca não apenas demonstrar o herói como um modelo de conduta de um novo tipo de cidadão e profissional, mas

também responsável por conduzir a população para um Brasil diferente. Esta construção de um novo país seria aprovada por uma parcela de pessoas que, cansada da corrupção, demonstra apoio às atitudes de Moro por meio de manifestações. A revista utiliza o discurso das ruas (Figura 9) e o intensifica para construir a sua versão dos acontecimentos, retroalimentando as suas intenções.

**Figura 9 – Repercussão de Moro**



Fonte: Veja<sup>63</sup>, 2016.

É interessante pensar que o mundo contemporâneo é fortemente permeado pelos super-heróis na cultura pop, que estão presentes nas revistas, livros, filmes e séries. Os filmes de maior bilheteria no cinema, atualmente, são sobre os universos das histórias em quadrinhos<sup>64</sup>. Os dois núcleos de sentido ligados a Sérgio Moro – Messias e Justiceiro –, presentes nesta monografia, possuem uma relação muito próxima aos dois super-heróis mais conhecidos do mundo: Superman e Batman. Ambos são personagens da *DC Comics*, surgidos durante a década de 1930.

O personagem Superman, criado por Joe Shuster e Jerry Siegel, é uma referência direta ao conceito de messias. O alienígena Kal-El, nascido no planeta Krypton, é enviado à Terra ainda bebê e tem a missão de salvá-la. Ao chegar, é adotado por pais terráqueos. Sob o pseudônimo de Clark Kent, ele é caracterizado como uma pessoa simples, tímida e muito discreta. Como o herói Superman, o personagem é marcado pelo seu lado misericordioso, justo e preocupado com o próximo.

<sup>63</sup> <<http://veja.abril.com.br/brasil/13-de-marco-juiz-moro-o-heroi-dos-protestos-pelo-pais/>> Acesso em 06 nov. 2017

<sup>64</sup> <<https://www.guiadasemana.com.br/cinema/noticia/maiores-bilheterias-de-2017-ate-agora>> Acesso em 06 nov. 2017

Em determinados momentos, *Veja* parece aproveitar-se da semelhança física entre Sérgio Moro e Superman. É possível encontrar algumas fotos com enquadramentos que o caracterizam da mesma forma que o personagem da *DC Comics*, como na imagem abaixo.

**Figura 10 – Semelhanças entre Superman e Moro**



Fonte: DC Comics, 1990; *Veja*, ed. 2502, 2016.

Superman representa o lado correto, claro, bonito, além de ser um verdadeiro símbolo para a nação norte-americana, inclusive com um uniforme nas cores da bandeira estadunidense.

Já Batman representa o oposto, a escuridão e as sombras. Criado em 1939 pelo escritor Bill Finger e pelo artista Bob Kane, o personagem Bruce Wayne presencia o assassinato de seus pais quando ainda era criança. O evento traumático faz com que ele jure não apenas vingar seus pais, mas também prometa que ninguém mais sofrerá uma dor igual à sua. Bruce Wayne viaja pelo mundo aprendendo novas formas de luta, treina física e intelectualmente e retorna a Gotham City, sua cidade natal, como o herói intitulado Batman, também conhecido como o Cavaleiro das Trevas, com o objetivo de impor medo a todos os criminosos. Ainda que possua um conceito moral definido, age da forma necessária para atingir os seus objetivos. O Cavaleiro das Trevas é disciplinado. Um justiceiro corajoso, incorruptível e poderoso. Demonstra uma personalidade obstinada que, mesmo sendo rico, não se deixa levar pelo dinheiro. Em uma cidade violenta e corrupta como Gotham City, ele tem a missão de livrar seu povo dos políticos e ladrões que destroem a cidade – assim como a *Veja* descreve Sérgio Moro e sua missão de salvar o país.

Ao pensarmos no contexto atual – em que é comum a presença desses heróis através dos filmes, revistas e desenhos animados –, utilizar este recurso é uma forma de criar um personagem rapidamente assimilável pelo público. Pois o leitor que aceita esse discurso como verdadeiro assimila estas características e pode associá-las com as histórias dos personagens. Dessa forma, a partir dos sentidos criados pela revista *Veja*, o público que aceita as suas impressões como corretas pode ver em Moro a representação destes grandes heróis e torcer para que seu destino seja como o das histórias em quadrinhos.

**Figura 11 – Super Moro**



Fonte: *Veja*<sup>65</sup>, 2016; *Jornalismo com Alma*<sup>66</sup>, 2016.

Por fim, através da análise realizada para este trabalho, foi possível notar a preocupação da revista em apontar os inimigos a serem combatidos. *Veja* denomina como inimigos os políticos e empresários considerados corruptos e causadores do momento caótico em que o país se encontra. Apesar de listar políticos de vários partidos, os que estão ligados ao Partido dos Trabalhadores – que seguem uma corrente contrária à linha ideológica da revista – recebem as acusações mais duras.

Partindo dessa constatação, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva recebe o status de principal articulador dos esquemas de corrupção encontrados pelas investigações da Operação Lava-Jato. Imediatamente, Lula é transformado no grande vilão a ser combatido e representa todo o mal.

<sup>65</sup> <<http://veja.abril.com.br/brasil/13-de-marco-juiz-moro-o-heroi-dos-protestos-pelo-pais/>> Acesso em 06 nov. 2017

<sup>66</sup> <<http://www.josepedriali.com.br/2016/03/moro-o-heroi-de-13-de-marco-e-ameacado.html>> Acesso em 06 nov. 2017



Figura 12 – Herói e Vilão



Fonte: Veja<sup>67</sup>, 2016.

Assim, como Sérgio Moro assume uma identidade próxima a dois grandes heróis populares, Lula também pode ser descrito como um grande vilão da cultura Pop: Don Corleone, do filme *O Poderoso Chefão*. Um personagem que orchestra as ações dos mafiosos italianos em Nova York e representa um grande ícone do cinema. No entanto, o discurso da revista *Veja* o transforma em uma pessoa ainda pior. Diferentemente do italiano, Lula é descrito como uma pessoa sem escrúpulos, com atitudes ardilosas e manipuladoras. Um articulador capaz de trair qualquer pessoa para não ser preso.

Figura 13 – Lula, o grande vilão



Fonte: Veja, ed. 2450, 2015; Veja, ed. 2539, 2017; Veja, ed. 2527, 2017.

Este trabalho de conclusão se propôs a analisar a construção discursiva realizada pela revista *Veja*, sendo assim, não entro no mérito de julgar as atitudes de

<sup>67</sup> <<http://veja.abril.com.br/brasil/13-de-marco-juiz-moro-o-heroi-dos-protestos-pelo-pais/>> Acesso em 06 nov. 2017

Moro. Contudo, é importante refletir sobre o discurso apresentado pela revista *Veja*, visto que ele utiliza a repetição constante (paráfrase) das características heroicas de Sérgio Moro e o apagamento de informações relevantes (polissemia) sobre o histórico do ex-presidente Lula com o objetivo de torná-lo o grande vilão. A partir dele, o herói da narrativa recebe poderes ilimitados.

O fato curioso é que mesmo as histórias de heróis dos filmes mais recentes se propõem a discutir as atitudes desses heróis como salvadores. Essas narrativas propiciam uma reflexão sobre a validade da justiça que estes personagens promovem. As histórias, além de se tornarem mais complexas, despertam no público a discussão sobre os comportamentos de seus heróis – algo que poderia ser adotado pelas reportagens da *Veja* para ampliar o conhecimento dos leitores sobre os acontecimentos.

Neste trabalho, busquei identificar o discurso que provoca a comoção da população em torno de uma figura heroica. Todavia, ficou muito claro durante a análise que, tão importante quanto enaltecer o herói, como estratégia discursiva, é intensificar o discurso de ódio sobre o vilão. Grande parte das sequências discursivas encontradas fazia referência à pessoa descrita como vilão pelo discurso da revista. Diante disso, percebe-se que poderiam ser realizados outros tipos de análise que seriam interessantes para construção de um cenário mais completo sobre a Operação Lava-Jato. Essas pesquisas demandariam um foco diferente do realizado nesta monografia, podendo investigar como a revista construiu o vilão ao longo da Operação, e até mesmo antes dela, ou realizando estudos de audiência baseados nos comentários e manifestações dos leitores nas redes sociais.



## REFERÊNCIAS

ALESSI, Gil. **Sérgio Moro pede desculpas por “polêmica” de áudios de Lula e isenta Dilma**. 2016. Disponível em:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/30/politica/1459296826\\_155962.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/30/politica/1459296826_155962.html)> Acesso em 01 ago. 2017.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **A crise econômica internacional e seu impacto no Brasil**. 2009. Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/artigos/a-crise-economica-internacional-e-seu-impacto-no-brasil/>> Acesso em 01 ago. 2017.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BBC. **Guia da delação da JBS**: entenda as acusações que abalaram o mundo político. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39983080>> Acesso em 22 jul. 2017

BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo**: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso como Método de Pesquisa em Comunicação**. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

\_\_\_\_\_. **Revista e jornalismo**: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. (Orgs.). A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso, 2013.

\_\_\_\_\_; HAGEN, Sean. **Jornalismo e imagem de si**: o discurso institucional das revistas semanais. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, ano VII n. 1, jan./jun. 2010.

BENITES, Afonso. **El País: Sérgio Moro cita Homem-Aranha**: “Mais poder, mais responsabilidade”. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/04/politica/1435961111\\_206305.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/04/politica/1435961111_206305.html)> Acesso em 30 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. El País. **Lista de Fachin**: Toda a cúpula política do Brasil sob a mira da Justiça. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/12/politica/1491953886\\_549601.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/12/politica/1491953886_549601.html)> Acesso em 22 jul. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 12.850, de 2 de agosto de 2013**. Define organização criminosa e dispõe sobre a investigação criminal, os meios de obtenção da prova, infrações penais correlatas e o procedimento criminal. Brasília, DF, ago. 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 9613, de 3 de março de 1998**. Dispõe sobre os crimes de "lavagem" ou ocultação de bens, direitos e valores; a prevenção da utilização do sistema financeiro para os ilícitos previstos nesta Lei; cria o Conselho de Controle de Atividades Financeiras -

COAF, e dá outras providências. Brasília, DF, mar. 1998.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Direção: Bill Moyers. 1988.

\_\_\_\_\_. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1995.

\_\_\_\_\_. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

CANÁRIO, Pedro; VASCONCELLOS, Marcos de. **Sérgio Moro divulgou grampos ilegais de autoridades com prerrogativa de foro**. Disponível em:

<<https://www.conjur.com.br/2016-mar-16/moro-divulgou-grampos-ilegais-autoridades-prerrogativa-foro>> Acesso em 01 ago. 2017.

CARTA CAPITAL. **Operação Lava Jato: Fala o denunciante**. 2015. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/revista/850/fala-o-denunciante-881.html>> Acesso em 18 jul. 2017.

CASTRO, Fernando; NUNES, Samuel; NETTO, Vladimir. **Moro derruba sigilo e divulga grampo de ligação entre Lula e Dilma; ouça**. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/pf-libera-documento-que-mostra-ligacao-entre-lula-e-dilma.html>> Acesso em 10 out. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CIOCCARI, Deysi. **Operação Lava-Jato: escândalo, agendamento e enquadramento**.

Comunicação & Mercado, Dourados, v. 4, n. 9, jan./jun. 2015.

CONTRERA, Malena Segura. **Mitologia – Malena Segura Contrera**, 2015. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=jWbWZYWWz3o>> Acesso em 24 ago. 2017.

COSTA, Bruno Barbosa. **Da toga do juiz para a capa do herói: a construção da imagem pública do Ministro Joaquim Barbosa a partir do julgamento do mensalão**. 2013. 230 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COSTA, José Luis. **ClicRBS: A história de Sérgio Moro, o juiz que sacudiu o Brasil com a Lava-Jato**. 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/04/a-historia-de-Sergio-moro-o-juiz-que-sacudiu-o-brasil-com-a-lava-jato-5784184.html#>> Acesso em 30 jul. 2017.

CURADO, Marcelo. **Uma avaliação da economia brasileira no Governo Lula**. Economia & Tecnologia, ano 7, volume especial. 2011. Disponível em:

<<http://www.economiaetecnologia.ufpr.br/revista/Especial%20Capa/Marcelo%20Curado.pdf>> Acesso em: 01 ago. 2017.

ESTADO DE S. PAULO, O. **Exclusivo: a lista de Fachin**. 2017. Disponível em:

<<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/exclusivo-a-lista-de-fachin/>> Acesso em 22 jul. 2017.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

FERNANDES, Pedro Veríssimo. **Arautos da crise: a cobertura da Operação Lava-Jato em Veja e Carta Capital**. São Paulo: PUCSP, 2016.

FOLHA DE S. PAULO. **Temer foi a reunião em que se cobrou de US\$ 40 mi, diz delator**. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/04/1875185-temer-foi-a-reuniao-em-que-se-cobrou-propina-de-us-40-mi-diz-delator.shtml>> Acesso em 22 jul. 2017.

G1. **Datafolha aponta Lula como melhor presidente do Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1390663-5601,00-DATAFOLHA+APONTA+LULA+COMO+MELHOR+PRESIDENTE+DO+BRASIL.html>> Acesso em 01 ago. 2017

\_\_\_\_\_. **Empresas investigadas têm contratos bilionários com a Petrobras**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2014/11/empresas-suspeitas-de-corrupcao-e-cartel-sao-investigadas-na-lava-jato.html>> Acesso em 19 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Delatores da Lava-Jato**. 2015. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/politica/2015/lava-jato/delatores-da-lava-jato/>> Acesso em 20 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Moro divulga grampo de Lula e Dilma; Planalto fala em Constituição violada**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/moro-divulga-grampo-de-lula-e-dilma-planalto-fala-em-constituicao-violada.html>> Acesso em 10 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Delatores dizem que Aécio recebeu R\$ 50 milhões para defender interesse de empreiteiras em hidrelétricas**. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/aecio-recebeu-r-50-milhoes-para-defender-interesse-de-empresiteiras-em-hidreletricas-dizem-delatores.ghtml>> Acesso em 22 jul. 2017.

GAÚCHAZH. **Como funciona a tramitação de processos da Lava-Jato em segunda instância**. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2017/05/como-funciona-a-tramitacao-de-processos-da-lava-jato-em-segunda-instancia-9786179.html>> Acesso em 30 ago. 2017.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOMIS, Lorenzo. **Os interessados produzem e fornecem os fatos**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 1, n. 1, 2004.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung: o homem criativo**. São Paulo: FTD, 2003.

GUIA DA SEMANA. **Maiores bilheterias de 2017**. 2017. Disponível em: <<https://www.guiadasemana.com.br/cinema/noticia/maiores-bilheterias-de-2017-ate-agora>> Acesso em 06 nov. 2017.

GUROVITZ, Hélio. **G1: As desculpas de Sérgio Moro**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/post/desculpas-de-Sergio-moro.html>> Acesso em 01 ago. 2017.

HAGEN, Sean. **O casal 20 do telejornalismo e o mito da perfeição**: como a mídia constrói a imagem dos apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias**: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.

IRION, Adriana. **A origem da investigação**: tudo começou no posto. 2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/11/a-origem-da-investigacao-tudo-comecou-no-posto-4648322.html>> Acesso em 27 jul. 2017

JORNAL ESTADO DE MINAS. **Emílio Odebrecht fala em repasses para campanhas de FHC**. 2017. Disponível em: <[http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/04/12/interna\\_politica,861683/emilio-odebrecht-fala-em-repasses-para-campanhas-de-fhc.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/04/12/interna_politica,861683/emilio-odebrecht-fala-em-repasses-para-campanhas-de-fhc.shtml)> Acesso em 22 jul. 2017.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2003.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, TOM. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. Porto: Editora Porto, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas – o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura**. Campinas/SP: Unicamp, 1993.

LOEB, Jeph; MORRIS, Tom. Heróis e super-heróis. In: MORRIS, Mat; MORRIS, Tom (Org.). **Super heróis e a filosofia**: verdade, justiça e o caminho socrático. São Paulo: Madras, 2009.

MARIANI, Bethania. **Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico**: a Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MIGUEL, Luís Felipe. **O jornalismo como sistema perito**. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 11, n. 1, 1999.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Perguntas & respostas**. Disponível em: <<http://lavajato.mpf.mp.br/perguntas-e-respostas>> Acesso em 27 jul. 2017.

MONTIPÓ, Criselli. **Crise do jornalismo? Por uma narrativa jornalística mais propositiva, investigativa e cidadã**. In: XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação, 2014, Foz do Iguaçu. *Anais do XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação*, 2014.

MORO, Sérgio Fernando. **Considerações sobre a Operação Mani Pulite**. *Revista do Centro de Estudos Judiciários*, Brasília, n. 26, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pedido de quebra de sigilo de dados e/ou telefônico nº 5006205-98.2016.4.04.7000/PR**. 2016. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/dl/decisao-levantamento-sigilo.pdf>> Acesso em 18 jan. 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.), 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOURA, Ranielle Leal. **Histórias das Revistas Brasileiras – informação e entretenimento**. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2010, Guarapuava. Anais do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2014. 2011.

MURDOCK, Maureen. **The Heroine's Journey: Woman's Quest for Wholeness**. Boston: Shambhala, 1990.

NETTO, V. **Lava-Jato: o juiz Sérgio Moro e os bastidores da operação que abalou o Brasil**. v. I. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2016.

ONUBR. **ONU: Experiência brasileira de combate à fome serve de exemplo para Programa Fome Zero do Paquistão**. 2014. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-experiencia-brasileira-de-combate-a-fome-serve-de-exemplo-para-programa-fome-zero-do-paquistao/>> Acesso em 01 ago. 2017.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014.

PEDRIALI, José. **Moro, o herói de 13 de março, é ameaçado de morte**. 2016. Disponível em: <<http://www.josepedriali.com.br/2016/03/moro-o-heroi-de-13-de-marco-e-ameacado.html>> Acesso em 06 nov. 2017

PESSOA, Fernando. **Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934 (Lisboa: Ática, 10ª ed. 1972)**.

POLÍCIA FEDERAL. **Operação Lava-Jato – Números**. Disponível em: <<http://www.pf.gov.br/imprensa/lava-jato/numeros-da-operacao-lava-jato>> Acesso em 21 jul. 2017.

PRADO, José Luiz Aidar. **Experiência e receituário performativo na mídia impressa**. Intexto, v. 1, n. 20, 2009.

R7. **Entenda o escândalo do mensalão**. 2009. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/entenda-o-escandalo-do-mensalao-20101007.html>> Acesso em 01 ago. 2017.

RAMOS, José de Paula. **Café Filosófico – Mito: o nada que é tudo (Parte 1/3)**. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJ5CJndiwRQ>> Acesso em 24 ago. 2017.

RAMOS, Júlia Capovilla Luz. **O fotojornalismo nas revistas: do surgimento às novas práticas.** In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. (Orgs.). A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso, 2013.

RIZZOTTO, Candida Carla; FONTES Sbaraini Giulia; FERRACIOLI, Paulo. **As molduras possíveis para o Petrolão: uma análise do enquadramento de Carta Capital e Veja.** Verso e Reverso, São Leopoldo, v. 30, n. 73, 2016.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento.** In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

ROTHBERG, Danilo. **Enquadramento e metodologia da crítica da mídia.** SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. V Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, Universidade Federal de Sergipe - 15 a 17 de novembro de 2007.

SEQUEIRA, Claudio Dantas. **Brasileiros do ano 2014: Sérgio Moro.** 2014. Disponível em: <[http://istoe.com.br/397390\\_SÉRGIO+MORO/](http://istoe.com.br/397390_SÉRGIO+MORO/)> Acesso em 31 jul. 2017.

STRUCK e ESTARQUE (2015). **Empresário que denunciou esquema da Lava-Jato quer pedir asilo à Alemanha.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/empres%C3%A1rio-que-denunciou-esquema-da-lava-jato-quer-pedir-asilo-%C3%A0-alemanha/a-18610613>> Acesso em 18 jul. 2017

TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. **Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos.** In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. (Orgs.). A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são.** V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, G. 2002. **As notícias como uma realidade construída.** In: J.P. ESTEVES (org.), Comunicação e Sociedade: Os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa. Lisboa, Livros Horizonte, p. 91-104.

VAZ, Paulo Bernardo; TRINDADE, Vanessa Costa. **Capas de revistas e seus leitores: um novo texto em cartaz.** In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. (Orgs.). A revista e seu jornalismo. Porto Alegre: Penso, 2013.

VEJA. **13 de março: juiz Moro, o herói dos protestos pelo país.** 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/13-de-marco-juiz-moro-o-heroi-dos-protestos-pelo-pais/>> Acesso em 06 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Mídia Kit Veja.** 2017. Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja>> Acesso em 17 jan. 2017.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

WALSH, Bryan. **Sérgio Moro.** 2016. Disponível em: <<http://time.com/collection-post/4302096/Sérgio-moro-2016-time-100/>> Acesso em 18 jan. 2017.